



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

- I. Carta do Reitor-Mor (pág. 1)**
Alguma notícia de família
VIVER HOJE A CASTIDADE CONSAGRADA
 - 1. A Igreja pede-nos esse testemunho
 - 2. O nosso tempo interpela-nos de modo novo
 - 3. Os valores atuais da castidade salesiana
 - 4. Viver como adultos a castidade salesiana
- II. Disposições e normas (não há neste número)**
- III. O Capítulo Geral 21 (pág. 37)**
- IV. Comunicações (pág. 39)**
 - 1. A Lembrança do Reitor-Mor para 1977
 - 2. Novos Inspectores
 - 3. As nossas causas de canonização
 - 4. O Congresso mundial dos Cooperadores Salesianos
 - 5. O Congresso dos Ex-alunos do Extremo Oriente
 - 6. O sétimo Curso de Formação Permanente
- V. O Centenário das Missões Salesianas (pág. 46)**
 - 1. Encerramento do Centenário na Argentina
 - 2. Encerramento do Centenário em Turim
 - 3. Dados da 106.ª Expedição missionária
 - 4. Seminário de estudo sobre o apostolado de periferia
 - 5. Pedido de relações sobre o Centenário
 - 6. "Solidariedade fraterna" atinge meio bilhão
- VI. Atividades do Conselho Superior (pág. 55)**
- VII. Documentos (pág. 57)**
Pedido de relações sobre o Centenário
- VIII. Dos Informativos Inspetoriais (não há neste número)**
- IX. Magistério Pontifício (pág. 59)**
Um povo de Cooperadores
- X. Necrológico — Terceira lista de 1976 (pág. 62)**

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, janeiro de 1977.

Caríssimos Irmãos,

desejo antes de mais nada agradecer, também em nome dos Superiores do Conselho, a quantos por ocasião do santo Natal nos enviaram fraternas e afetuosas boas-festas. Deixamos de responder a cada um para evitar despesas de correio, particularmente pesadas nestes últimos tempos. Estou certo da vossa compreensão: valham minhas palavras como agradecimento e retribuição *ad personam*, sentimentos aos quais junto minha prece pelo novo ano, por cada um e pelas comunidades. Obrigado!

Algumas notícias de família

Começo com notícias de interesse comum.

Na Argentina, para o Centenário das Missões. Participei em novembro passado, na Argentina, da semana de encerramento das comemorações centenárias da primeira expedição missionária. Estive em San Nicolás de los Arroyos, onde os Salesianos iniciaram a obra que deveria estender-se até às terras austrais da Patagônia, e em seguida espalhar-se por toda a Argentina.

Os dias comemorativos foram esplêndidos, com a participação intensa e cordial de autoridades eclesásticas e civis, de povo e de muitos jovens. Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e toda a nossa Família colaboraram eficazmente para o bom êxito das manifestações.

Tivemos nessa ocasião uma prova evidente do quanto fez a Família Salesiana pelo progresso — não só espiritual — da grande Nação, que de tantas maneiras quis demonstrar sua gratidão a Dom Bosco e aos seus filhos.

Como afirmei repetidas vezes naqueles dias memoráveis, temos razões para esperar que as celebrações sejam fecundas

em frutos, sobretudo vocacionais: será o prêmio mais ambicionado ao trabalho generoso de quantos contribuíram para o bom êxito das mesmas.

Os Capítulos Inspetoriais. Chegam das Inspetorias notícias confortadoras sobre a organização e desenvolvimento do iter dos Capítulos Inspetoriais.

Encontrareis neste número dos Atos indicações e subsídios para uma exata interpretação da qualidade desses capítulos; limito-me aqui a lembrar ainda uma vez que somente com a oração humilde e com a vontade decidida e operante de contribuir para o fecundo renovamento da Congregação poderemos dizer que cumprimos o filial e importante mandato que ela nos confia.

A primeira Assembléia Geral das VDB. Outra notícia que diria de família, e que gostareis de saber. No próximo mês de julho realizar-se-á em Roma, no Salesianum, a “Assembléia Geral das Voluntárias de Dom Bosco”.

É a primeira vez que o Instituto — já saído da adolescência (tem mais de 650 membros em 14 países) — reúne tal Assembléia, que deverá tratar argumentos de particular interesse, tendo vistas também sobre a definitiva aprovação pontifícia.

Agradecemos ao Senhor que de maneira tão evidente abençoou o fecundo rebento brotado no tronco da Congregação, e que se prende a uma idéia do Servo de Deus P. Felipe Rinaldi.

Não há de faltar a nossa oração pelo bom êxito da primeira Assembléia das Voluntárias de Dom Bosco.

“Os Salesianos e a Política”. De vários lugares chegaram-me expressões de adesão e agradecimento pela carta sobre “Os Salesianos e a Política”.

Temos necessidade de que toda a nossa ação, eminentemente evangelizadora, seja iluminada e guiada por idéias claras, como as que nos vêm do Magistério da Igreja, da palavra e exemplo do nosso Pai, e das diretrizes dos órgãos que na Congregação têm autoridade e responsabilidade para dá-las em harmonia com o nosso espírito e missão.

Um argumento caro ao nosso Pai

Neste número dos Atos, também para atender aos pedidos que há tempo me chegam de várias partes da Congregação, desejo apresentar-vos algumas reflexões sobre um argumento muito caro ao nosso Pai, e hoje atual mais do que nunca: nossa castidade de consagrados salesianos. Penso que as reflexões poderão ser úteis também aos Capítulos Inspetoriais, que tratarão de aspectos da nossa consagração, hoje particularmente importantes.

VIVER A CASTIDADE CONSAGRADA HOJE

1. A IGREJA NOS PEDE ESTE TESTEMUNHO

Um dos sinais mais inquietantes da confusão e decadência dos valores morais, que caracterizam a nossa época de transição, é sem dúvida a maneira como são colocados e resolvidos os problemas da sexualidade humana. Não faltam por certo pessoas e estudiosos honestos, que enfrentam estes problemas com senso de profunda responsabilidade e verdadeira competência; basta entretanto lançar um olhar sobre os grandes e pequenos “meios de informação” para que nos demos conta de que nos encontramos diante de desenfreada e comercializada exaltação e instrumentalização do sexo e da pornografia, como se a dimensão sexual fosse a única dimensão da pessoa.

Não é de surpreender se, nesse clima irrespirável, a castidade seja desacreditada e escarnecida. Queria, porém, acrescentar logo que, apesar de tudo, esta grande virtude — sinal da vitória do Senhor Ressuscitado — continua a impor-se à “civilização do sexo”: certas formas agressivas traem bastante a saudade de um bem perdido.

Malgrado toda a poeira erguida contra o celibato sacerdotal e a virgindade consagrada, a clara tomada de posição do Concílio, e de Paulo VI em alguns importantes documentos do seu magistério, demonstram a grande estima em que é tida a castidade pela Igreja do século XX. Seu ensino é firmíssimo, e a tal firmeza se deve que muitos dos que haviam duvidado estejam retomando — como demonstram recentes pesquisas — o caminho da volta.

Como filhos de Dom Bosco, identificamo-nos plenamente com as diretrizes do Pontífice; mas parece-me que não podemos parar aí. Creio que a Igreja, nesta hora de permissividade e confusão, tem o direito de exigir — para apresentá-lo ao mundo — o testemunho típico da castidade salesiana.

Os destinatários da nossa missão não podem ser defraudados do carisma da castidade, tenhamos ou não consciência dele. A castidade salesiana não é uma pequena estrela perdida no firmamento da Igreja, é uma luz de que a Igreja não se pode privar.

Era virtude caraterística de Dom Bosco

Quanto mais se estuda a vida de Dom Bosco, quanto mais se lhe aprofunda a pedagogia e a espiritualidade, tanto mais se nota o valor e o peso que esta virtude ocupa na economia do universo salesiano.

São conhecidas algumas declarações perentórias: “O Senhor destruiria a Congregação se viesse a faltar a castidade” ⁽¹⁾. “O que deve distinguir a nossa Sociedade é a castidade, como a pobreza distingue os filhos de S. Francisco de Assis e a obediência os filhos de S. Inácio” ⁽²⁾. A castidade, dirá ainda, “deve ser a base de todas as nossas ações” ⁽³⁾. “A castidade é o centro no qual se baseiam e unem as demais virtudes” ⁽⁴⁾. E as citações poderiam continuar.

Neste ponto alguém poderia dizer: “Mas isso é uma exaltação exagerada, um erro teológico! A castidade tornava-se assim a primeira virtude cristã!”. Tal afirmação deformaria totalmente o pensamento de Dom Bosco. Não lhe falecia rigor teológico, e tinha um agudo sentido das proporções. Não sonhou sequer em “agigantar” a castidade em prejuízo de outras virtudes, máxime das teologais.

Basta lembrar o sonho do manto, no qual o diamante da castidade brilha, sim, com uma luz singular: “Seu esplendor — lê-se no sonho — emitia uma luz toda especial, e atraía

(1) *MB*, 13, 83.

(2) *MB*, 10,35; 12,224.

(3) *MB*, 12, 224.

(4) *MB*, 12,15.

fortemente o olhar como o ímã atrai o ferro" ⁽⁵⁾. Sem embargo, nessa visão a castidade não tem absolutamente uma colocação de primeira plana.

Mesmo na enumeração dos três votos, a castidade não vem nunca em primeiro lugar. Dom Bosco jamais hesitou em colocar em primeiro lugar a obediência. Fazia-o por inspiração do alto, e pela intuição — comum a todos os grandes fundadores — que faz considerar o voto de obediência como a síntese dos outros dois. Como observa um de nossos estudiosos, na redação das Constituições encontra-se "uma singular transposição na ordem dos capítulos relativos aos três votos. Em primeiro lugar (Dom Bosco) coloca sempre o da obediência, ao qual faz seguir na ordem costumeira a pobreza e a castidade" ⁽⁶⁾.

Seu pensamento é de extrema clareza: "A verdadeira obediência é a síntese de todas as virtudes — lemos na introdução às Constituições —. Toda a perfeição religiosa está na supressão da própria vontade (*expressão paradoxal, que Dom Bosco imediatamente corrige*), isto é, na prática da obediência: assim S. Boaventura. O homem obediente, diz o Espírito Santo, cantará a vitória. S. Gregório Magno conclui que a obediência traz consigo e conserva todas as outras virtudes" ⁽⁷⁾.

A lógica da vida salesiana é, antes de mais nada, uma lógica de obediência. Entretanto essa lógica não impede a Dom Bosco de dar um lugar de grande relevo à castidade, de falar dela em termos que se diriam enfáticos, não fossem verdadeiros e não correspondessem ao seu profundo modo de sentir. "Oh, quão bela é essa virtude! — dizia aos seus filhos em 1876 —. Queria empregar dias inteiros em falar-vos dela. . . É a virtude mais bela, mais esplêndida e ao mesmo tempo a mais delicada de todas" ⁽⁸⁾. "Ó castidade, és uma grande virtude" ⁽⁹⁾.

(5) MB, 15, 183.

(6) PIETRO STELLA, *Le Costituzioni Salesiane fino al 1888*, em *Fedeltà e rinnovamento*, Las Roma, pág. 31.

(7) São João Bosco aos Sócios Salesianos, em *Constituições e Regulamentos* (1972) pág. 230-1.

(8) MB, 12, 564.

(9) MB, 10, 1106.

Se a razão e o realismo, iluminados pela fé, levam-no a destacar o valor da obediência na vida religiosa, seu coração, sensibilidade, preferências imediatas são pela virtude da castidade. A luminosidade e transparência de sua vida — de- puseram os que com ele privaram de perto — eram o reflexo de sua castidade.

É elemento qualificativo da espiritualidade salesiana

A predileção de Dom Bosco pela castidade passou aos filhos, e tornou-se uma das mais preciosas heranças de família. E é deveras significativo que o argumento tenha, por diversas vezes, empenhado a responsabilidade dos Reitores- -Mores e dos Capítulos Gerais.

Basta lembrar a circular do P. Álbera e a do P. Ricaldone, e as recentes deliberações dos Capítulos Gerais 19 e 20.

Obedecendo a um preciso ditame da consciência, senti por minha vez a necessidade de tratar o argumento. Não para dizer coisas que já tenham sido expostas pelos nossos Capítulos Gerais (que foram, também no tema da castidade, Capítulos de ajornamento e atualização), mas para exortar- -vos a praticá-las. Queria ainda, nesta reflexão fraterna, exortar-vos a entesourar quanto disse a Igreja a respeito. Sobre este ponto qualificativo da nossa pedagogia e espiritualidade, nada é tão importante — nesta época de confusão — quanto a clareza de idéias e motivações.

O fenômeno, ainda atual, das defecções

Não vos escondo entretanto que uma das razões que me levam a versar este ponto da nossa vida consagrada é também o fenômeno, ainda dolorosamente atual, das defecções dos nossos Irmãos. Para vosso e meu conforto devo outrossim dizer que as saídas, após haverem atingido o teto nos anos 1968-1972, estão a diminuir. Infelizmente, ao invés, não se deteve ainda o estilicídio das reduções de sacerdotes ao estado laical. O fato é grave: quando um sacerdote deixa a Congregação — não entremos no mistério da consciência — é sempre uma laceração profunda que se opera no corpo da Congregação. E, pois, da Igreja.

Criam-se situações de extremo mal-estar no equilíbrio das nossas comunidades; estão de permeio o Reino de Deus e a causa dos nossos jovens. Permitti, portanto, que vos exorte a rezar mais pelo grande dom da perseverança, e a fazer de tudo por que a hora da tentação nos encontre fortes e preparados.

Um dos pontos em que hoje se faz mister mais nos empenhemos, é por certo a castidade. Notei que nos pedidos de redução ao estado laical, entre outros motivos, sempre se aduzem dificuldades inerentes à observância da castidade. Sei perfeitamente que o mais das vezes se trata de um sintoma e não de uma causa, mas quem poderia negar que uma boa “administração” da própria castidade não havia de torná-los mais fortes no tempo da prova?

Mesmo sob esse ponto de vista, o apelo à castidade consagrada salesiana que vos dirijo parece-me sobremaneira atual.

Começamos em nome de Maria — Mãe e Mestra da pureza salesiana — com algumas considerações prévias.

2. NOSSO TEMPO INTERPELA-NOS DE UM MODO NOVO

Devemos de início registrar, com o CGE, alguns fatos que no passado não recebiam a devida atenção ou passavam de todo despercebidos, e que não é difícil enquadrar no novo modo com que a Igreja se coloca diante das realidades e valores terrenos: “O Concílio apresenta-nos uma atitude renovada da Igreja perante os valores humanos... como o sexo, o amor, o matrimônio. Há da parte do Concílio uma aceitação evidente de tais valores, sem traços de pessimismo ou de maniqueísmo. É esta uma linha de renovação que deve ser seguida” ⁽¹⁰⁾.

Nessa linha devem-se relevar especialmente três fatos, porque destinados a incidir sobre o novo modo na prática da nossa castidade. São: a apreciação mais positiva da sexualidade; a apreciação mais positiva da mulher; a apreciação mais positiva do amor ⁽¹¹⁾.

(10) CGE, n.º 560.

(11) Cf. *ib.*, n.º 563.

Uma apreciação mais positiva da sexualidade

No importante documento da Santa Sé intitulado "Orientações educativas para a formação ao celibato sacerdotal" lemos este período significativo: "A pedagogia cristã, apoiada na revelação divina, considera a sexualidade como obra de Deus, como uma realidade que não se limita ao corpo, mas atinge o ser humano na sua totalidade, como uma realidade que tem papel determinante na maturação do homem... e que se realiza num encontro pessoal" (12).

Como vemos, o ensinamento da Igreja move-se numa visão de todo positiva da sexualidade humana. Bastaria este fato para tranquilizar os Irmãos — se é que existem — que se sentem exasperados pela exaltação e publicidade do sexo e da pornografia, e por isso acabam por rejeitar em bloco a sexualidade (também no que tem de positivo), e dela não querem sequer ouvir falar.

Educadores, não podemos ignorar a profunda evolução que se operou neste campo. Em tempos passados a contraposição corpo-alma deixava, por assim dizer, passar a segunda linha sua profunda unidade. Hoje ao invés acentua-se o fenômeno da sua mútua integração e interdependência.

O homem *não somente tem*, mas é um corpo. Partir de tal premissa vale dizer que a natureza humana só existe, em concreto, realizada num modo masculino ou num modo feminino. Essa modalidade é algo tão profundo que marca todo o ser: não somente o corpo, mas também a alma com todas as suas potências. Há assim um modo masculino, e um modo feminino, de imaginar, sentir, agir.

Se transferirmos essa realidade para o plano da consagração, diremos que há necessariamente um modo masculino e um modo feminino de pensar e de viver a castidade consagrada. Em outras palavras, o religioso que se consagra a Deus não deixa de ser homem ou mulher com todas as conseqüências que de aí derivam: deve, em primeiro lugar e

(12) SACRA CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CRISTIANA, *Orientamenti Educativi Per La Formazione Al Celibato Sacerdotale*, n.º 22.

Nas páginas seguintes este documento fundamental será citado com a sigla OEFCS.

sempre, conhecer-se e aceitar-se por aquilo que é e por aquilo que tem: deve contar com suas inclinações, tendências, necessidades, desejos, a fim de canalizá-los e discipliná-los com lucidez de idéias e fé.

Agir diversamente significaria construir sobre ilusões e expor-se à rebelião dos dinamismos inconscientes da natureza, que, expulsa de uma parte, voltaria por outra. Pouco valeriam nesse caso os mais sublimes pensamentos, e a própria oração. A educação da atitude ordenada e serena do jovem perante a jovem (e vice-versa) torna-se nessa perspectiva, uma das vigas mestras da construção da personalidade.

A Igreja deu a respeito importantes diretrizes, e cumpre que os Irmãos as saibam aplicar oportunamente. Tratando-se dos candidatos à vida salesiana, faça-se todo o possível, em cada caso, para que sua maturação afetiva seja completa e se desenvolva no tempo e modo devidos. Sem prévia maturação, a opção do candidato consagrado seria uma opção equivocada.

Uma apreciação mais positiva da mulher

A doutrina cristã outorga, de per si, igual dignidade à mulher e ao homem; entretanto é certo que somente em nossos dias a promoção da mulher está a adquirir, na nossa sociedade e na nossa cultura, um lugar que jamais conseguira nos séculos passados. O fenômeno da “promoção da mulher” é um sinal dos tempos, e se alastra pelo mundo. São já muitos os países que modificando suas legislações reconhecem à mulher direitos iguais ao homem na cultura, na política, na economia, em tudo.

A própria Igreja tende a dar à mulher maiores responsabilidades: a reconhecer a esposa, a viúva, a religiosa, como capazes de serviços espirituais e apostólicos originais e necessários. Não deixa de ser significativo que duas santas figurem entre os Doutores da Igreja.

Reflexo dessa evolução social é o fato da “mixité”, de que já se ocupou o Capítulo Geral 19. Não é somente um fato juvenil: trata-se de um processo que atinge todo o conjunto da vida humana e os costumes do nosso tempo. Homens e

mulheres encontram-se sempre mais no trabalho, no tempo livre, na assunção das mais diversas responsabilidades, sem excluir, é claro, as apostólicas.

Quanto a nós, o Capítulo Geral Especial reconhece que “a nossa missão poderá comportar com freqüência responsabilidades que exijam maior colaboração feminina, religiosa e leiga” ⁽¹³⁾. Nesses casos o relacionamento que necessariamente virá a estabelecer-se entre colaboradores e colaboradoras deverá refletir as características do nosso espírito: será, pois, um relacionamento baseado em atitudes e estima, e de delicada atenção à psicologia e à vocação da mulher na Igreja e no mundo.

O Capítulo Geral Especial fala de “serena estima da mulher”, de atitudes em relação a ela que nos permitam, à luz da Bendita entre as mulheres, “agir sempre como verdadeiros Salesianos, sem problemas e angústias de consciência” ⁽¹⁴⁾.

Certas reações de agressividade e de fuga perante a mulher são, muitas vezes, sinal de imaturidade afetiva mais que de virtude. Comprometeriam qualquer espécie de encontro enriquecedor e a própria possibilidade de colaboração.

A verdadeira castidade não é fuga, muito embora exija renúncia e vigilância, porque o carisma da consagração deixa intacta — não esqueçamos — a vida afetiva. “Exorta — diz São Paulo a Timóteo — as anciãs como a mães, as moças como a irmãs, com toda a pureza” ⁽¹⁵⁾. Eis aí a regra.

Uma apreciação mais positiva do amor humano

A castidade consagrada confronta-se, e não só hoje, com a realidade do matrimônio; mas também nesse campo a evolução foi notável. Sabemos que o sentido do matrimônio e do amor cristão foi estudado a fundo e cristãmente valorizado. O Concílio Vaticano II consagrou, por assim dizer, a nova orientação ⁽¹⁶⁾. Paulo VI compraz-se em recordá-lo aos

(13) CGE, n.º 559.

(14) *ib.*, n.º 553.

(15) 1 *Tim* 5,2.

(16) cf. *Lumen Gentium* n.º 41; *Gaudium et Spes*, n.º 48-50.

jovens esposos que participam das audiências das quartas-feiras. Como negar que a vida dos cônjuges cristãos seja um caminho autêntico de santidade?

Caminho que os religiosos devem estimar, sem todavia lhes ensombrar a castidade. Diz o Concílio a propósito da formação dos seminaristas: “Conheçam os alunos devidamente os deveres e a dignidade do matrimônio cristão, símbolo do amor entre Cristo e a Igreja”⁽¹⁷⁾. Mas do confronto com o amor conjugal a castidade consagrada não deve sair enfraquecida, mas reforçada nas suas motivações fundamentais. Acrescenta de fato o Concílio: “Compenetrem-se, porém, da maior excelência da virgindade consagrada a Cristo, de modo que se consagrem com magnanimidade ao Senhor, mediante íntegra doação do corpo e da alma”⁽¹⁸⁾.

Portanto comparar-se, sim, mas para distinguir-se, para continuar plenamente a ser o que se deve ser: na vida conjugal se se trata de casamento, e na vida consagrada se se trata de profissão religiosa. Virgindade e matrimônio são dois modos diversos, mas complementares de participar da “esponsalidade” de Cristo.

Riscos e ambigüidades

Dissemos sucintamente, à luz da doutrina da Igreja, dos valores positivos da sexualidade; devemos agora, com o mesmo realismo, reconhecer suas ambivalências e colocar-nos em guarda contra possíveis desvios e aspectos negativos.

Como reconheceram os nossos Capítulos Gerais, a castidade, “virtude sumamente necessária, virtude grande, virtude angélica”⁽¹⁹⁾, é a “virtude mais insidiada no mundo atual”⁽²⁰⁾.

Os “riscos”, as “ambigüidades”, as “tentações”, disseram os capitulares, aumentaram hoje desmesuradamente. Esta situação mais difícil exige dos Irmãos maior determinação

(17) *Optatam Totius*, n.º 10

(18) *ib.*

(19) *São João Bosco aos Sócios Salesianos, em Constituições e Regulamentos* (1972), pág. 237.

(20) *Actas do XIX Capítulo Geral*, pág. 98.

e empenho. E antes de mais nada, mais lúcida consciência dos perigos e riscos que os aguardam.

Aludo brevemente a três.

No plano existencial

No plano existencial o religioso deve viver hoje o amor casto numa sociedade permissiva, em ambientes amplamente paganizados que tornam difícil até mesmo a fidelidade conjugal. Uma ondada violenta de erotismo e liberdade sexual derrama-se sobre os costumes, na família, no tempo livre, servindo-se de todos os meios de comunicação social. Essa ondada poderá deixar indiferentes os contemplativos; mas os religiosos apóstolos, que devem viver em contacto com o mundo concreto, não podem deixar de sofrê-la. Insidiados e assediados, temos necessidade de ser “libertados do mal”, “defendidos do Maligno” ⁽²¹⁾, “revestidos da armadura de Deus para resistir e combater” ⁽²²⁾.

No plano do pensamento

Isso não é tudo. A virgindade consagrada, bem como o celibato sacerdotal, são por diversas razões contestados também no plano das idéias por toda a espécie de pessoas, alguma vez até pelos que se professam cristãos. A castidade separaria muito os religiosos do comum dos mortais; lhes diminuiria a personalidade, impedindo o desenvolvimento normal etc. ⁽²³⁾. Em certos ambientes pode-se mesmo perceber um sombrio desprezo do homem ou da mulher que não fizeram experiências sexuais.

A nossa castidade acha-se, pois, longe de ser admirada sempre e por todos. O que nos constrange a não só defendê-la com palavras, mas a dar prova de que ela é verdadeiramente “um projeto de vida autêntico, original, e digno do homem que para ele é convidado” ⁽²⁴⁾.

(21) Jo 17, 15.

(22) Ef 6, 11-12.

(23) cf. *Lumen Gentium*, n.º 46; *Perfectae Caritatis*, n.º 12.

(24) CGE n.º 563; cf. n.º 575.

No plano moral e legal

Observamos em alguns países que “na cidade secularizada” cresce sempre mais a distância entre o que é evangelicamente moral e o que é simplesmente legal; fenômeno este que acentua a necessidade de clareza de consciência e de opção vital de nossa parte. Quando não mais se percebe a diferença entre o legal e o moral, é grave o risco de acreditar legítimo em todo o sentido o que não for proibido pela lei civil e pela mentalidade comum da nação. O divórcio e o aborto, por exemplo, são admitidos por algumas legislações; as relações pré-matrimoniais, as inaturais, a infidelidade conjugal, e até “as fraquezas” do homem consagrado, não causam surpresa; antes, são admitidas como normais por determinada “opinião pública”.

A mentalidade permissiva penetra nas consciências pouco formadas de alguns cristãos (como se viu claramente nas reações à recente *Declaração sobre algumas questões de ética sexual*, e alguma vez também nas consciências de religiosos nos quais se ofuscou o sentido da consagração e suas exigências. Assim, a pretexto de ser “modernos”, aceitam ser mundanos.

Hoje mais do que nunca é indispensável saber fazer o discernimento dos espíritos. Discernir todos os valores autênticos das descobertas modernas sobre o sexo, a mulher, o amor, o diálogo entre os sexos, a vida conjugal etc., para agradecer ao Criador. Mas discernir outrossim os falsos valores, os erros, os excessos, das exigências evangélicas da renúncia. “Examinai tudo. Retende o que for bom. Guardai-vos de toda a espécie do mal” ⁽²⁵⁾.

Aí está o contexto em que agora devemos viver a nossa castidade. É por sem dúvida assaz diverso do que conheceram Dom Bosco e as primeiras gerações de Salesianos. Deus nos faz viver hoje, e nos pede sejamos castos concretamente, segundo as exigências de hoje, na fidelidade renovada às exigências da vida consagrada e ao espírito da nossa Sociedade.

(25) 1 Tess 5, 21-22.

Isso não é relaxamento. Antes, a reflexão sobre as condições atuais oferece-nos considerações que devem arraigar mais fundo em nós a opção de castidade salesiana.

3. OS VALORES ATUAIS DA NOSSA CASTIDADE SALESIANA

Como afirmei, não é minha intenção expor de novo todos os valores da nossa castidade. O documento n.º 10 do nosso CGE resumiu muito bem suas dimensões fundamentais: ela é evangélica e pascal, eclesial e escatológica ⁽²⁶⁾. Queria agora deter vossa atenção em alguns aspectos menos “clássicos”, mas que parece útil recordar nas circunstâncias atuais.

Uma renúncia aceita com lucidez

Viver a castidade consagrada constitui sem dúvida “um projeto de vida autêntico” ⁽²⁷⁾, “um modo intensamente cristão de amar” ⁽²⁸⁾. Ela “não só significa renúncia à capacidade e ao enriquecimento do amor, mas introduz o religioso numa profunda e vital relação de amor com Deus. Portanto, longe de esvaziar e frustrar o homem, pode completá-lo: potencializa o aspecto dialógico e a capacidade de comunicação” ⁽²⁹⁾.

Isso tudo é verdade. Mas sejamos realistas: a prática dessa bela teoria na nossa vida não é fácil. Em concreto, como fazer para chegar ao amor verdadeiro, a “sublimar” o amor humano? Não há dúvida que a castidade implica uma verdadeira mutilação; é preciso ter a coragem de enfrentar a renúncia que exige. Ela é tão grave, que o Antigo Testamento jamais conseguiu compreendê-la. A castidade consagrada renuncia a viver as formas mais habituais de efetividade e sexualidade humanas, renuncia a uma tendência natural em seus diversos componentes.

Já fiz notar que nestas realidades e nas suas exigências incluem-se grandíssimos valores para a inter-relação e pro-

(26) cf. CGE, n.º 567-571.

(27) *ib.*, n.º 563.

(28) *Constituições*, art. 75

(29) CGE, n.º 562.

moção da pessoa, e que consagrar-se a Cristo significa — conforme a enérgica expressão por ele mesmo usada — aceitar uma mutilação pelo Reino dos céus ⁽³⁰⁾. Cristo por certo dá ao consagrado outros valores sublimes e outras possibilidades de amadurecimento; o que nada tira à realidade do despojamento, da privação.

Ora, aceitar a renúncia quer dizer, para além de qualquer dissertação edificante, aceitar corajosamente sentir-lhe as conseqüências. Quer dizer não se admirar nem assustar se, especialmente em certas horas de depressão, inatividade ou isolamento, devemos sofrer na carne e no coração. É um aspecto da nossa cruz ⁽³¹⁾; e alguma vez, quem sabe, uma forma de participação na angústia de Cristo no horto do Getsêmani ⁽³²⁾. Por isso a declaração sobre a “Formação ao celibato” observa: “Não há por que considerar contraditória a inclinação do jovem ao matrimônio e à família, de modo a tornar-lhe dolorosa a renúncia. O sofrimento poderá perder a vida inteira sem entretanto prejudicar o estado virginal, se a exclusividade da doação a Deus for vivida com plena adesão. O celibato é um apelo da parte de Deus que pode custar precisamente o sacrifício de uma forte propensão ao matrimônio ⁽³³⁾.”

Parece-me poder afirmar que certo número de Irmãos que saíram para casar-se, cederam justamente porque não haviam sido preparados a encarar de frente essa renúncia não indolor. Um belo dia sentiram-na vivamente, e estimulados por teorias ousadas, foram-se, a pouco e pouco, convencendo que eram “anormais”. Frustrados, não viram mais as riquezas incomparáveis que Cristo promete e dá “já agora” a quem tudo deixa por ele ⁽³⁴⁾. Um pouco de idealização do matrimônio fez o resto.

A aceitação consciente e corajosa da renúncia ajuda-nos a ser não apenas fiéis, mas também leais no serviço de Deus. Quando ao invés se experimenta somente o aspecto mortificante da renúncia, inconscientemente se tende a buscar compensações à própria frustração.

(30) cf. *Mt* 19, 12.

(31) cf. *CGE*, n.º 568.

(32) cf. *Mt* 26, 37.

(33) *OEFCS*, n.º 48.

(34) cf. *Mc* 10, 28-30.

Desta sorte pode acontecer que, havendo renunciado ao amor conjugal e à paternidade, o religioso seja tentado a compensar-se pelo que abandonou, recorrendo a comportamentos egoístas: a formas de afetividade indevidas com relação à mulher, ao sentimentalismo, à necessidade excessiva de aprovação dos demais, a um exercício da autoridade muito duro, meticoloso, possessivo... Um psicólogo notou que mesmo nas pequenas comunidades baseadas numa escolha pessoal pode predominar uma busca ambígua do calor intimista do lar e de uma espécie de fusão afetiva.

Devemos ser muito lúcidos no conhecimento de nós mesmos, e generosos na decisão: não retomemos o que demos um dia ao Senhor!

Um valor de liberdade e de comunhão

O próprio fato de renunciar a alguma coisa inclui uma escolha: se renuncio a certos valores, é porque prefiro outros. A história nos ensina que o celibato voluntário aparece somente nas civilizações desenvolvidas, nas quais se tornou vivo o sentido do valor da pessoa em si mesma. O Evangelho promovendo a virgindade consagrada libertou-nos do estereótipo do matrimônio obrigatório, ao passo que ao mesmo tempo manteve uma apreciação positiva da sexualidade (Deus criou o homem e a mulher, não automaticamente o marido e a esposa).

O celibato voluntário testemunha que o homem é livre no uso das suas energias íntimas, e na escolha do seu projeto de vida. Ele se mostra capaz de viver a sua vida pessoal, a sua sexualidade, a sua afetividade, de modo diverso do habitual. Certo, bem pouco válida seria tal escolha, se inspirada apenas pelo prazer de afirmar a própria autonomia, pelo orgulho ou pelo estoicismo. Ela deve orientar-se para o amor. É liberdade, para um determinado tipo de comunhão. É abertura para um tipo de laços afetivos que têm uma profundidade diversa da criada pelo matrimônio.

O documento sobre a "Formação ao celibato" exprime esse pensamento com expressões densas e felizes: "O complemento sexual no matrimônio realiza de per si o desenvolvimento harmônico da personalidade afetiva. Por outra par-

te o homem é capaz de sublimar a sua sexualidade e completar a sua personalidade numa relação de trocas afetivas não sexuais” ⁽³⁵⁾. Mais: “O homem celibatário é chamado a manifestar uma particular capacidade de amar... O celibato escolhido pelo Reino dos Céus é um estado de amor...; é vocação a uma forma de amor” ⁽³⁶⁾.

Que forma? Se olharmos com realismo a vida matrimonial e familiar, damo-nos conta — assim dizem estudos recentes — de que as estreitíssimas relações que ela importa não deixam de apresentar ambivalências e perigos gravíssimos de desvio. Sua finalidade é promover as pessoas dos cônjuges e dos filhos mediante expressões e compromissos de um amor autêntico e libertador; mas a fraqueza natural e a presença do pecado tornam essa tarefa terrivelmente difícil. Não fosse assim, donde proviria a tentação do divórcio?

O celibatário consagrado renuncia livremente a “ter” mulher e filhos, a fim de poder-se abrir a um gênero de relações menos possessivas e mais universais. Renuncia a satisfazer seu instinto conjugal e paterno, mas dessa maneira torna-se capaz de ir a todos os outros, sem restrições, por eles mesmos, com amor oblato, que lhes respeita a autonomia de pessoas humanas. Disso se conclui que não valeria a pena sacrificar os valores do matrimônio, caso não estivessemos decididos a viver nossas relações com os outros de um modo “novo” e desinteressado.

O consagrado torna-se disponível aos outros antes de tudo interiormente, no coração e no espírito; mas também exteriormente, porquanto pôde assumir compromissos de serviço e empregar neles tempo e forças, numa medida que não lhe seria possível se tivesse a responsabilidade de uma família própria ⁽³⁷⁾.

O consagrado, pois, aceita certa solidão em vista de uma profunda comunhão com Deus e com os outros. O isolamento é negativo, mas a solidão não é tal: pode-se dizer que é o contrário. É como o silêncio que precede e fecunda a pala-

(35) *OEFC*, n.º 27.

(36) *ib.*, n.º 31 e 51.

(37) *cf. Constituições*, art. 75.

vra. Ainda que seja solidão real, sentida, permite um tipo de relações com os outros no qual eles são aceitos da mão de Deus tais quais são, e amados por si mesmos.

O consagrado conserva os braços abertos a todos, renunciando a fechá-los sobre uma companheira que teria podido escolher; e isso precisamente para poder acolher quantos se lhe apresentarem precisados de ajuda. Essa, a nossa vocação de Salesianos.

Uma capacidade de amar e servir

A nossa profissão de castidade significa, pois, compromisso de “amor preferencial a Jesus Cristo” ⁽³⁸⁾, expresso concretamente no amor desinteressado ao próximo. E o nosso primeiro próximo é dúplice: os irmãos da nossa comunidade e os jovens da nossa missão. Haurida na fonte da caridade de Cristo, a nossa castidade será a condição que nos permite entrar em verdadeira relação, em comunhão autêntica e em amizade generosa com os Irmãos e com os jovens

Permiti-me dizer algumas palavras sobre o impacto da castidade sobre o nosso modo de realizar a comunhão fraterna e a missão apostólica.

Castidade e comunhão fraterna

Os textos do Capítulo Geral Especial insistiram na relação entre comunhão fraterna e castidade, para afirmar que uma apóia a outra ⁽³⁹⁾. A luz das reflexões precedentes queria notar quanto ajuda a verdadeira castidade a “construir a comunhão das pessoas” ⁽⁴⁰⁾.

Muito mal-estar, incompreensões e choques nas comunidades nascem de uma secreta vontade de defender-se do outro, ou de dominá-lo, ou de utilizá-lo para os próprios fins. A castidade destrói essa espécie de relações, abre ao amor desinteressado, à comunicação autêntica, faz compreender o sentido da comunidade religiosa, na qual os irmãos se encon-

(38) CGE n.º 562 e 575.

(39) *Constituições*, art. 51, 71, 78; CGE n.º 569 e 574.

(40) *Constituições*, art. 50.

tram juntos não por escolha pessoal mas atendendo a um chamado comum: “O próprio Deus nos chama a viver em comunidade, confiando-nos irmãos para amar” ⁽⁴¹⁾. Não para suportar. Nessa perspectiva ela “nos torna disponíveis para nos amarmos como irmãos no Espírito” ⁽⁴²⁾, isto é, superando o instinto que vem da carne e bastas vezes se exprime numa busca egoísta.

Atenção cotidiana aos irmãos, controle da agressividade e do amargor, sorriso, humor, paciência, perdão, discrição: eis os sinais e os frutos de uma castidade verdadeiramente assumida. Di-lo muito bem o documento sobre a “Formação ao celibato”: “O celibato tem sentido num contexto de relação; é vivido no seio de uma comunidade fraterna que supõe o intercâmbio e permite atingir os outros para além da necessidade que deles se possa ter: tirocínio da não-possessividade. Sinal de um celibato bem assumido é a capacidade de criar e manter relações interpessoais válidas; é “presença” dos amigos na ausência, renúncia a impor-se, prova de não se ter muita necessidade deles” ⁽⁴³⁾.

A essa luz compreende-se um fato novo entre nós: o convite insistente por parte do Capítulo Geral a despertar entre os irmãos “amizades límpidas e profundas” ⁽⁴⁴⁾, não sentimentais nem fechadas, mas “autênticas”, porque criam “o clima em que os Irmãos se sentem bem e pessoalmente valorizados” ⁽⁴⁵⁾. Na verdade, a castidade bem entendida é que torna possível entre nós o famoso diálogo e os intercâmbios profundos.

Castidade e missão apostólica

Do mesmo modo, a castidade marcada pelo equilíbrio “abre o coração à paternidade espiritual... O Salesiano verdadeiramente casto está disposto a amar os que o Senhor lhe envia, sobretudo os jovens pobres... A castidade permi-

(41) *ib.*, art. 51

(42) *ib.*

(43) *OEFC*, n.º 49.

(44) *Constituições*, art. 78; cf. art. 53 e 111; *CGE*, n.º 483, 487, 574 680.

(45) *CGE*, n.º 487.

te-nos amá-los sinceramente, fazendo-os saber que são amados” (46).

Tratando num mesmo artigo do carinho e da castidade⁽⁴⁷⁾, as Constituições nos fazem compreender a estreita correlação entre as duas realidades. Não há carinho salesiano sem castidade, porque “o afeto verdadeiro e pessoal” — de “pai e amigo” — do Salesiano, entende-se como um “querer bem” sincero aos jovens, sem interesse pessoal. Assim também não há castidade sem carinho, uma vez que a renúncia a certas formas de afetividade se orienta precisamente a um amor mais profundo e mais universal. Trata-se no fundo de viver a paternidade espiritual em sua autenticidade⁽⁴⁸⁾.

Tentemos compreender bem o conteúdo sublime dessa realidade, iluminando-a com dois artigos das Constituições. “A castidade — diz o art. 76 — é uma virtude irradiante; ela faz de nós as testemunhas da predileção de Cristo pelos jovens”. Ainda mais sugestivo é o texto do art. 2 que tenta definir a identidade da Congregação e do Salesiano: “Serem, em estilo salesiano, sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”.

Não receamos dizer: o nosso amor casto pelos jovens tem sua fonte em nível divino: amar, tentar com humildade e perseverança amar os jovens não somente com simpatia humana, mas em nome de Cristo Pastor e em nome de Deus Pai infinito, com um amor que neles se inspira. Um amor totalmente casto, transparente, sem o mínimo movimento de retorno sobre si mesmo. Um amor que quer com uma espécie de violência o bem e a salvação de quem se ama. Um amor que teve sua expressão máxima no dom que o Pai nos fez do seu filho até à cruz, e no dom que o Filho fez de si próprio: dom de todo o ser e de toda a vida.

Eis aí o amor em que nos devemos inspirar! Eis aí o amor que devemos revelar aos jovens!

Servimos aos jovens ou servimo-nos deles?

Deveríamos então compreender a necessidade de verificar e purificar em profundidade, num ritmo regular, a qua-

(46) *Constituições*, art. 45, 71 e 76.

(47) *ib.*, art. 45.

(48) cf. *OEFCS*, n.º 32.

lidade das nossas relações com eles. Com que motivações profundas vamos aos jovens? com quais critérios escolhemos tal grupo ou tal tipo de trabalho pastoral em vez de outro? que atitudes concretas adotamos perante eles? como reagimos diante do sucesso, do fracasso?

Respondendo com clareza a essas perguntas, haveremos provavelmente de concluir que muitas vezes, mais que servir aos jovens, deles nos temos servido. Usamos para com eles de um amor captante, sedutor, pelo prazer de granjear admiração ou afeto; ou um amor possessivo, dominador, satisfeito com uma disciplina militar, ansioso por plasmar os demais, em excesso talvez, à própria imagem. Até mesmo certa maneira de falar poderia revelar tendência ao paternalismo: o *meu* grupo, os *meus* jovens, os *meus* ex-alunos, os *meus* paroquianos...

O amor casto é o que promove o jovem por si mesmo, com humildade e paciência, sem pretensão de colher muito depressa o fruto da própria dedicação; amor que respeita o jovem, ajuda-o a tornar-se o que ele escolheu ser, e o que Deus quer para ele. A infinita delicadeza de Dom Bosco nas palavras, nos olhares e gestos, não foi senão a expressão de um infinito respeito pela pessoa e pela liberdade do jovem, fruto de grandíssima fé que via em cada menino "o irmão pelo qual morreu Cristo" ⁽⁴⁹⁾, o filho de Deus, sempre único, capaz de um diálogo com seu Pai.

Ser maduros para educar ao amor

Podemos acrescentar que o amor casto é particularmente necessário ao Salesiano neste aspecto de sua missão: educar o jovem no sentido justo da sexualidade, na delicadeza para com a jovem e a mulher, no amor ⁽⁵⁰⁾. Hoje sobretudo, nos tempos difíceis que atravessamos, o educador tem necessidade de muita capacidade de discernimento, de muito equilíbrio pessoal, de muita delicadeza no zelo. E os jovens têm muita necessidade de educadores serenos, diria luminosos e irradiantes. A pureza e o amor são coisas que um pouco se ensinam com palavras e explicações, muito com favorecer a

(49) 1 Cor 8, 11.

(50) cf. *Gravissimum educationis*, n.º 1.

tomada de consciência, e muitíssimo com o contacto vivo, com o exemplo do estilo de vida, com a convicção pessoal que provém da experiência.

Sabemos quanto interferem no relacionamento educativo a personalidade e o passado emocional do educador, particularmente na área da educação sexual⁽⁵¹⁾. Como poderia um educador pretender educar ao amor, ao auto-controle, à luta contra o mal, ajudar o jovem que se debate na sua confusão e fraqueza, prepará-lo ao noivado e ao casamento, se ele próprio não é cristalinamente puro, equilibrado e tranqüilo? Como poderia ser “portador da mensagem de pureza libertadora” de Cristo nosso Senhor?⁽⁵²⁾

Sabemos que os jovens de hoje exigem coerência, e se desorientam e escandalizam diante da incoerência dos adultos e em particular dos seus educadores.

Sabemos também que Dom Bosco se comoveu e chorou ao pensar nas ruínas que poderia causar nas almas dos jovens um Salesiano infiel ao compromisso de castidade. Ser mau neste ponto consiste em agir com o sentido justo da própria responsabilidade.

4. VIVER COMO ADULTOS A CASTIDADE SALESIANA

O tema nos leva a uma derradeira reflexão sobre problemas de formação e de conduta prática. As dificuldades encontradas na prática da castidade têm principalmente duas causas:

— primeira, a ignorância e incerteza quanto ao sentido da virgindade consagrada; uma insuficiente descoberta e “degustação” dos seus valores humanos e cristãos, místicos e práticos; um desconhecimento dos seus limites;

— ou então, segunda causa, a falta de clareza e decisão no ato de assumi-la e vivê-la como projeto de vida.

É preciso em suma admirá-la e — diria — apaixonar-se por ela (sem entretanto desprezar as outras escolhas). É preciso escolhê-la firmemente, sem olhar para trás. O reli-

(51) cf. *OEFCS*, n.º 39

(52) *Constituições*, art. 76; cf. *CGE*, n.º 125, 556, 576 e 578.

gioso dado a tergiversações e compromissos torna-se um ser anormal em contínua e sofrida contradição, porque se priva das grandes riquezas da vocação leiga sem encontrar as riquezas próprias da sua vocação de consagrado.

A primeira formação do consagrado

O documento sobre a “Formação ao celibato” faz observações plenamente válidas para os religiosos em geral: “A história dos sacerdotes fracassados é muitas vezes a história de homens fracassados: história de personalidades não unificadas, não integradas, nas quais em vão procuraríamos o homem maduro e equilibrado”; não são raros os erros de discernimento das vocações, e muitas inaptidões psíquicas, mais ou menos patológicas, se tornam manifestas somente após a ordenação sacerdotal (nós diríamos, após a profissão perpétua); discerni-las a tempo permitirá evitar muitos dramas”; “um jovem dotado de um temperamento excessivamente afetivo, inclinado a simpatias, a apegos morbosos, não é bastante apto para a vida celibatária”⁽⁵³⁾. E como haveria de despertar em outros o desejo de consagrar-se a Deus?⁽⁵⁴⁾

Já Dom Bosco pensava assim. Ele sempre afirmou que temperamentos inclinados à preguiça, à hipersensibilidade e à sensualidade ou ao escrúpulo não são feitos para a vida salesiana⁽⁵⁵⁾. Em linguagem moderna afirma-se ademais que um jovem, para ser admitido à profissão, deve haver alcançado suficiente maturidade afetiva e sexual, “adequado equilíbrio”⁽⁵⁶⁾, mediante um processo psicológico normal que lhe garanta o domínio de si, motivações válidas baseadas numa clara visão dos valores do celibato, e um modo de portar-se, com simplicidade e verdade, como um homem consagrado diante da mulher⁽⁵⁷⁾. Além disso é necessário verificar se o candidato recebeu do alto o dom da castidade para o Reino, porque — segundo S. Paulo — a decisão de viver a vida con-

(53) *OEFCS*, n.º 25, 38 e 51.

(54) cf. *CGE*, n.º 576.

(55) cf. *Constituições*, art. 77; e antigos *Regulamentos*, art. 292.

(56) *Constituições*, art. 77.

(57) cf. *CGE*, n.º 563 (que se reporta a *Perfectae Caritatis*, n.º 12 e a *Optatam Totius*, n.º 10) e n.º 573.

sagrada é da ordem dos carismas dados a alguns para o bem todos ⁽⁵⁸⁾.

Noviciado e primeira profissão

Salta aos olhos a seriedade do ato de admissão ao noviciado e à primeira profissão, e a necessidade de um período explícito de preparação (sobre o qual o Conselho Superior deu orientações precisas) ⁽⁵⁹⁾. É evidente que se deve negar a entrada no noviciado a quem tiver distúrbios sexuais ou notável imaturidade afetiva.

É por igual importante empregar bem o espaço de vários anos que transcorre entre o primeiro compromisso e o definitivo. É preciso dar ao jovem Salesiano tempo e meios para amadurecer dentro do gênero de vida que decididamente escolheu, com um estilo vigoroso apoiado pela comunidade e por um guia idôneo" ⁽⁶⁰⁾ que o ajudará a ver claro dentro de si mesmo ⁽⁶¹⁾.

É fundamental nesse processo o papel do mestre de novícios e dos outros formadores, máxime dos confessores e diretores espirituais. Devem ser eles próprios homens maduros e equilibrados, adequadamente preparados para a sua missão, que hoje deve ser também (mas não só) psicológica ⁽⁶²⁾. Devem ainda lembrar o documento pedagógico preciosíssimo, repetidas vezes citado, que a Igreja lhes põe à disposição: as *"Orientações educativas para a formação ao celibato sacerdotal"*.

Incumbe-lhes o grave dever de estudá-lo cuidadosamente e de fazer as adaptações necessárias à vida consagrada religiosa e salesiana.

(58) cf. 1 Cor 7,7.

(59) cf. *Atos do Conselho Superior*, n.º 276 (outubro de 1974) pág. 49 e 68-73 sobre 'A preparação imediata ao noviciado'. Estão aí particularmente indicados os critérios de admissão ao noviciado.

(60) *Constituições*, art. 114.

(61) cf. *Atos do Conselho Superior*, n.º 276 acima citado (págs. 75-79, em português).

(62) cf. *OEFC*, n.º 39.

Educação à castidade em clima salesiano

A maturação positiva da pessoa consagrada, e a sua perseverança numa vida de oferta serena e generosa, têm necessidade de um clima; e diria que é precisamente o clima salesiano. A castidade como nos ensinou Dom Bosco está estreitamente ligada aos valores fundamentais do espírito salesiano: a consciência da proximidade de Deus, o carinho, a prontidão da disponibilidade aos outros, a alegria constante e tranqüila...

Paradoxalmente poderíamos dizer que viveremos bem a nossa castidade se não estivermos demasiadamente preocupados com ela, se com ela nos ocuparmos somente "na justa medida... Perante uma forma de sexualidade pouco conhecida ou ignorada, cumpre guardar-nos do erro oposto que tende a sobrevalorizá-la, tornando-a a dimensão única ou a mais importante da dinâmica da personalidade" ⁽⁶³⁾.

Jesus não falou muito da castidade: viveu sobretudo (e quer que vivamos) intensamente sua relação de caridade com o Pai e com os irmãos. Quanto mais decididos e firmes formos na linha da nossa vocação, tanto mais verdadeiro e forte será o nosso amor de serviço ao Pai e dedicação aos jovens, e menos problemas de castidade teremos: a nossa pureza será a irradiação quase natural da nossa caridade. "O problema da pureza não se resolve fazendo da pureza uma idéia fixa e exclusiva, mas considerando-a e vivendo-a dentro de mais altas e amplas razões de justiça e caridade... É mister uma pedagogia que forme a amar com amor de caridade"⁽⁶⁴⁾. No passado muitas vezes isolou-se a castidade, sem submetê-la à atração do amor.

Com efeito a caridade, mais que qualquer outra virtude, tem a capacidade de arrastar no próprio dinamismo todas as forças da personalidade, e por conseguinte de unificar a pessoa e desenvolvê-la em realizações eficazes. Diz com acerto o já citado documento: "O dinamismo teológico, apontando um fim novo e superior à virtude da castidade, fá-la mudar de natureza: é um dom de Deus, em força do qual a vontade se torna capaz não tanto de reprimir os desejos se-

(63) *ib.*

(64) *ib.*, n.º 40 e 47.

xuais, quanto de integrar o impulso sexual na harmonia de toda a personalidade cristã”⁽⁶⁵⁾. Somos desta sorte conduzidos ao que as nossas Constituições nos apresentam como “o centro do espírito salesiano: a caridade pastoral dinâmica”⁽⁶⁶⁾. Eis aí o problema de fundo da castidade: despertar e conservar em nós o “impulso apostólico que nos faz buscar as almas e servir tão-somente a Deus”⁽⁶⁷⁾; a caridade “que encontra sua fonte e modelo no coração de Cristo, apóstolo do Pai, consumido pelo zelo da sua casa”⁽⁶⁸⁾. A chave da castidade salesiana é a caridade salesiana. Não existe a castidade à parte. Existe o amor casto. O Salesiano não escolhe a castidade por si mesma. Escolhe Jesus Cristo (que o escolheu primeiro) e o serviço dos outros pelo seu Reino; e dentro da escolha, aceita a lógica da castidade.

Essa perspectiva explica o “tom”, o “estilo” particular da castidade salesiana: é habitualmente vivida com uma espécie de serenidade e alegria, com ardor juvenil, com ânimo saudável, com limpidez do olhar, com confiança invencível na vida, com a percepção da presença secreta de Deus. Dom Bosco, homem positivo e prático, tornava-se poeta e lírico ao falar da castidade: a castidade por ele vivida era para ele como a flor da caridade. Tais são justamente as características da caridade salesiana dinâmica.

Segue-se de aí que tudo o que exprime ou alimenta em nós a caridade própria da nossa vocação, fortifica e torna clara a castidade; por exemplo a oração fervorosa, a dúplici mesa da Palavra de Deus e da Eucaristia⁽⁶⁹⁾, a caridade fraterna, a humilde doação cotidiana aos jovens. . . E vice-versa tudo o que enfraquece ou restringe em nós a caridade pastoral, ameaça a castidade e a torna pouco a pouco pesada e incômoda. Enquanto o Senhor nos der Salesianos zelosos (disse zelosos, e não ativistas, gananciosos, agitados), teremos Salesianos luminosamente castos.

E teremos outrossim Salesianos interiormente fortes, prontos a rejeitar o mal, dispostos portanto a enfrentar,

(65) *ib.*, n.º 27.

(66) *Constituições*, art. 40.

(67) *ib.*

(68) *ib.*, art. 41; cf. art. 101.

(69) cf. *Constituições*, art. 79.

quando necessário, situações difíceis ou delicadas. O nosso trabalho põe-nos em contacto com um mundo que nos oferece tentações abundantes, e parece que no-las oferecerá em escala cada vez maior. Mesmo praticando a prudência, sempre necessária, não podemos evitá-las de todo: “Pai, não peço que os tires do mundo, mas que os guarde do Maligno” (70).

Que facultará ao Salesiano conservar-se casto? A força interior do seu amor a Deus e aos jovens. Exatamente como o homem casado, cercado quase permanentemente de maus exemplos e sedução, permanece fiel à mulher de sua escolha na medida em que a ama deveras. As barreiras exteriores pouco servirão se não existem outras barreiras interiores erguidas por um amor fiel. Um grupo de religiosas fê-lo notar, durante o Concílio, à Comissão do *Perfectae Caritatis*: “O isolamento cheio de medo não pode ser uma solução. A formação à castidade consiste menos em estabelecer distâncias protetoras, do que em intensificar o relacionamento com Deus; é a plenitude da presença divina que constitui a força e a consistência da castidade” (71).

Um contínuo caminhar para a maturidade

Espero que nenhum Salesiano tomará como pretexto as minhas reflexões para julgar-se autorizado a lançar-se a comportamentos ou experiências imprudentes ou inquietantes: seria sinal de bem pouca madureza. Os problemas não se resolvem pelo só fato de que os princípios são claros.

A castidade madura e forte está ao cabo de um longo caminho, pela simples razão que também o amor autêntico é o ponto de chegada de um longo caminho que passa necessariamente pela cruz. Não se conquista o amor nem o amor casto sem partir de uma aceitação consciente da ascese e da “conversão”; isto é, sem passar lentamente, e sempre dolorosamente, do amor egoísta à abertura desinteressada a Deus e aos irmãos.

“Sair de si próprios”, do próprio refúgio, empreender “o êxodo” para ir aos outros, sem barreiras e com as mãos

(70) Jo 17, 15.

(71) Nota apresentada em fins de 1964. Cf. TILLARD-CONGAR, *Il rinnovamento della vita religiosa*, Vallecchi, 1968, pág. 340.

estendidas para aceitar, não é operação fácil. Como não é fácil abrir-se àquele que vem. “Caridade e abnegação são complementares entre si: a abnegação liberta o homem, dando lugar à caridade, e a caridade promove a abnegação... À verdadeira maturidade e liberdade não se chega senão através do diuturno exercício do auto-controle e da auto-doação, levado avante ao longo dos anos da formação, e que se deve sempre continuar” (72). Seria ingênuo crer que se possa estar livres de tantos desejos maus ou ambíguos que assaltam todo homem, sem entrar no mistério pascal do Senhor, sem, pois, “enfrentar a morte todos os dias” (73).

A profissão dos votos, mesmo quando feita após séria preparação, não nos introduz numa vida angélica; deixa-nos a nossa natureza humana; não nos livra de golpe das nossas tendências sensuais nem do instinto de referir a nós mesmos o próximo e o próprio Deus, e de mais querer ser amados que amar. Nem nos garante totalmente contra possíveis regressões psíquicas ou espirituais.

A nossa castidade não é, pois, um tesouro estático, inteiramente conquistado um belo dia e que basta conservar e preservar. É um valor gravado (com a graça de Deus) na nossa pessoa viva, ligado à historicidade da nossa pessoa e à construção da nossa personalidade: um valor, portanto, a ir sempre assumindo em situações e circunstâncias mutáveis. Assim sendo, deve cada um conhecer-se sempre melhor, tomar clara consciência das próprias tendências, e aprender a regular sua conduta casta. É claro que para chegar a tanto, ao menos nos primeiros anos, e nos momentos de dificuldade dos anos seguintes, o recurso a um guia espiritual sábio e experimentado é necessário, e útil pode-se dizer durante toda a vida; como pode ser útil, em certos casos, recorrer a um psicólogo (74).

O nosso Capítulo Geral entrou de cheio nessa perspectiva “histórica” da castidade salesiana. Dizem muito bem as Constituições: “A castidade não é conquista feita de uma vez por todas. Tem seus momentos de paz e de prova. É dom que, dada a fraqueza humana, é frágil e vulnerável e exige

(72) OEFCS, n.º 53 e 55.

(73) 1 Cor 15, 31.

(74) cf. OEFCS, n.º 38 e 43.

cotidiano esforço de fidelidade”⁽⁷⁵⁾. Mesmo o Salesiano maduro e equilibrado de trinta ou quarenta anos pode muito bem ser surpreendido por uma inesperada tempestade; já assinalamos que não deve maravilhar-se, mas aproveitar a ocasião para aprofundar sua opção vocacional⁽⁷⁶⁾. O documento sobre o celibato sacerdotal convida a enfrentar as possíveis crises com realismo psicológico e com fé viva e humilde⁽⁷⁷⁾.

O “castigo corpus meum” de São Paulo

Uma observação tipicamente salesiana. Dom Bosco e a nossa tradição recomendaram sempre, para manter viva a castidade, o uso simultâneo dos meios naturais e sobrenaturais. Mas, pedagogicamente, os meios de caráter ascético tiveram sempre o primeiro lugar.

Por exemplo, na *Introdução às Constituições* Dom Bosco aponta somente meios de mortificação, por certo positivamente inspirados no amor a Cristo crucificado. E com razão. O seu realismo pastoral havia-o convencido de que as orações mais fervorosas e a própria frequência dos sacramentos quase nada adiantam a quem não aceita o “castigo corpus meum” de S. Paulo⁽⁷⁸⁾, que é de fato citado na introdução.

Hoje o “castigar” consiste em boa parte em negar-se qualquer intemperança. A área de “rejeição”, a que nos convida Dom Bosco com seu forte e programático apelo à temperança salesiana, apresenta hoje novas sugestões não menos perigosas: para dar um exemplo, o uso fácil — ou, digamos, o abuso — de bebidas alcoólicas. Mas há uma área em que para a defesa da nossa castidade é imprescindível rejeitar qualquer intemperança: refiro-me aos instrumentos de comunicação social. Não é verdade que se pode ver tudo, ler tudo, ouvir tudo.

É contrário a qualquer psicologia e ao próprio bom senso, acreditar que a liberdade indiscriminada concedida aos sentidos não influencie a nossa imaginação e o nosso pensa-

(75) *Constituições*, art. 70. Cf. também CGE, n.º 564.

(76) cf. *Constituições*, art. 119.

(77) cf. *OEFCS*, n.º 67-69.

(78) 1 Cor 9, 27.

mento e, através do pensamento, a ação. Isso é verdade para qualquer homem; tanto mais o é para quem deve manter o frágil equilíbrio de uma castidade que, depois da graça de Deus, que não devemos presumir, se baseia num esforço e abnegação contínuos e não fáceis. Quem quer conservar boa saúde espiritual deve respirar ar puro e preservar-se da contaminação de certa cultura decadente que invade hoje o nosso mundo. (E não esqueçamos nunca as nossas responsabilidades de educadores, sobretudo na escolha dos espetáculos para as nossas salas).

O Concílio lembrou ainda que não devemos “deixar de lado os meios naturais que favorecem a saúde do espírito e do corpo” ⁽⁷⁹⁾: o cansaço nervoso, consequência de uma vida sobrecarregada de trabalho sempre sob pressão, desemboca cedo ou tarde em estados de depressão física e psíquica que oferecem terreno privilegiado à tentação. Sono e distensão suficientes devem salvar o equilíbrio interior.

As nossas relações com as pessoas externas

Queria por fim tratar de alguns aspectos das nossas relações com pessoas que não pertencem à nossa comunidade. Na primeira parte desta carta, apresentando o novo contexto sócio-cultural em que devemos viver a nossa castidade, lembrei o pensamento do Capítulo Geral Especial: viver castos de modo maduro “supõe o apreço sereno da sexualidade, do amor e da mulher” ⁽⁸⁰⁾. A vida consagrada não é negação, medo, fuga; é um modo especial, mas autêntico, de viver a comunicação humana, também em relação à mulher. Por outra parte certa evolução da pastoral leva-nos, em muitos ambientes, a assumir tarefas mais amplas com as mulheres e as jovens, como verificou o próprio Capítulo ⁽⁸¹⁾. E o relançamento da Família Salesiana convida os diversos grupos a realizar “a intercomunicação e a colaboração”, a “viver a experiência evangélica de que, comunicando-nos entre nós e colaborando na ação, nos enriquecemos reciprocamente” ⁽⁸²⁾.

(79) *Perfectae Caritatis*, n.º 12.

(80) *CGE*, n.º 563.

(81) *ib.* n.º 51 e 355; *Regulamentos*, art. 7 e 12.

(82) *CGE*, n.º 174; cf. n.º 692.

Tudo isso supõe que o Salesiano de hoje tenha aprendido o modo justo de proceder nas relações femininas. Não haver chegado a isso seria catastrófico para ele, para a comunidade e para as pessoas interessadas. É, por conseguinte, de grande importância ter idéias claras e comportamento simples e coerente neste campo. Digamos, em síntese, que o Salesiano deve aceitar um duplice esforço: de conscientização e de autenticidade humana e salesiana.

Um esforço de conscientização

A conscientização é particularmente necessária no caso pela razão muito evidente que a renúncia atinge o nosso ser num ponto muito vivo, e que por conseqüência a busca inconsciente de compensações é mais fácil e insistente.

Convidava mais acima o Salesiano a um exame periódico sobre as motivações profundas e as características externas das suas relações globais no apostolado. Semelhante exame deve fazer-se mais cuidadosamente quanto às relações femininas. Por que em tal circunstância queremos encontrar tal mulher, ou menina, ou tal grupo feminino? É realmente para o bem deles e para o Reino do Senhor, ou para nossa secreta satisfação? E como tratamos essas pessoas?

Deixando de lado considerações óbvias, é preciso ter presentes as reações negativas — ainda que não expressas — das pessoas que estão ao nosso redor, diante de comportamentos inconvenientes e “livres” do Salesiano neste setor. Lembro a observação de um superior: “Estamos programando o trabalho pastoral das férias. Estão previstas algumas colônias de férias para grupos masculinos e femininos. Para os primeiros tenho dificuldade de encontrar um número suficiente de Salesianos dispostos ao trabalho. Para os segundos, sobram cadidatos...”.

Dom Bosco nos quis especificamente para os meninos e os jovens: devemos voltar-nos sempre para eles, os nossos naturais destinatários⁽⁸³⁾. O Capítulo reconheceu “em determinados ambientes... a exigência de um empenho na educação mista”. Trata-se de uma exigência de formação em cer-

(83) cf. CGE, n.º 51.

tas circunstâncias e ambientes que devem ser bem definidos, não de uma abertura a meninos e meninas indiscriminada ou quase, que faça perder às nossas obras o caráter preciso de instituições masculinas. É um problema tão importante quão delicado, sobre o qual teremos que responsabilmente refletir na sede competente.

Outro aspecto a considerar diz respeito à prudência e à reserva necessárias em terreno tão delicado.

Todos os Salesianos deveriam ser “bem instruídos sobre o caráter específico da mulher e sobre a sua psicologia conforme o diverso estado de vida e as diversas idades”⁽⁸⁴⁾. Tenho medo que em certos casos não se dêem conta dos fenômenos ambíguos de “transfert” ou de “fixação” que, com ingenuidade gravemente imprudente, se arriscam a provocar.

Um jovem Salesiano, por exemplo, coadjutor ou clérigo, deveria saber que uma jovem tende a vê-lo como “homem ideal, aureolado de muitos dotes, e assim que se encontrar numa situação difícil, será interiormente levada a prender-se a ele. Um padre deveria saber que uma intervenção sua nos problemas de uma mulher casada, ou de um casal, cria sempre um elemento novo nas relações entre marido e mulher, com o risco de provocar dificuldades e problemas sérios até.

Para um serviço pastoral e espiritual, que de equilíbrio não se requer! Que capacidade de discernimento e domínio de si; que sentido das próprias responsabilidades, que visão de fé viva! E quão verdadeira continua a asserção que “as relações perfeitas e sãs com a mulher não se improvisam, mas se realizam mediante lenta e delicada educação”⁽⁸⁵⁾.

Autenticidade humana e salesiana

Não quereria insinuar, com estas reflexões, que o problema das relações femininas deva transformar-se em obsessão. Muito ao contrário! Falei também de esforço de auten-

(84) OEFCS, n.º 60.

(85) *ib.* O documento dá excelentes orientações a respeito. Leiam-se atentamente os números 57-61, 87-88, notando o lugar particular dado à ação educativa do diretor espiritual, ao qual especialmente os jovens religiosos são convidados a abrir-se com total confiança neste ponto.

ticidade humana e salesiana. “A justa linha a seguir é a da verdade e da sinceridade, insistindo na autenticidade do comportamento que exclui por natureza tudo o que sabe a fictício e a artificial” ⁽⁸⁶⁾.

A finalidade é a de chegar “a uma atitude serena e natural, sem equívocos” ⁽⁸⁷⁾. O nosso espírito de família convida-nos a evitar qualquer rigidez e a ser cordiais sem sentimentalismo. “No seu comportamento o Salesiano procura fazer bem todas as coisas, com simplicidade e medida. É aberto e cordial, pronto a dar o primeiro passo e a acolher com bondade, respeito e paciência” ⁽⁸⁸⁾. Pode servir-nos de exemplo a atitude de Dom Bosco com suas benfeitoras como se vê nas suas cartas, “obras-primas de tacto humano e sacerdotal, estupenda fusão de respeito e afeto, habilidade a simplicidade, audácia pastoral e discrição” ⁽⁸⁹⁾.

Há um sinal que permite dizer se o homem consagrado é capaz de proceder como convém nas suas relações femininas: a autenticidade da sua caridade fraterna na comunidade. Vê-se por vezes um Salesiano amável com as pessoas de fora, e agressivo com os Irmãos. A tendência à familiaridade com a mulher, agravada pela fuga da comunidade, seria sinal seguro de uma afetividade desordenada.

A nossa imaturidade tornaria particularmente perigosa ou impossível a promoção da Família Salesiana. Faço votos por que ao contrário ela se faça com a contribuição sincera e límpida de todos, em verdadeiro espírito de família, no qual irmãos e irmãs se ajudem reciprocamente a amar e servir melhor o Senhor e os destinatários da nossa missão comum. Sobre este ponto o nosso Capítulo lançou um apelo à autenticidade da nossa consagração: “Uma consciência mais viva do aspecto religioso da nossa vocação nos tornará capazes de ajudar os Cooperadores e outros grupos de leigos a viverem a própria vocação com um sentido mais vivo do Evangelho e das Bem-aventuranças” ⁽⁹⁰⁾.

(86) *OEFCS*, n.º 59.

(87) *CGE*, n.º 675.

(88) *Constituições*, art. 45.

(89) *Scritti spirituali di san Giovanni Bosco*, a cura di Joseph Aubry (Città Nuova 1976), vol. II, pág. 70.

(90) *CGE*, n.º 126.

Algumas situações concretas

Permiti-me ainda, antes de concluir, uma rápida alusão a algumas situações concretas da vida salesiana.

Primeiramente o *emprego de pessoal feminino nas nossas obras*. A este respeito devemos perguntar-nos até que ponto se trata de necessidade, de oportunidade; e em todo o caso indagar se no modo de empregar esse pessoal se pode deveras dizer que estamos — como indivíduos e como comunidade — no espírito e no estilo sinceramente salesiano.

Uma *palavra sobre o clima* em que se há de realizar a comunidade salesiana. Tem também ela direito — não menor que outros, antes maior — à sua “privacy”, como se diz no mundo inglês. Com efeito a comunidade não é uma família qualquer, mas de consagrados; e como tal tem particulares exigências reservadas unicamente aos membros da comunidade. Se é verdade que devemos ser acolhedores, isso não quer dizer que a nossa casa deva ser em todos os ambientes e em todos os momentos aberta a qualquer um ⁽⁹¹⁾.

Por fim *as relações com as nossas famílias*. Sobre este ponto verificou-se notável evolução. O Capítulo Geral Especial apresenta o contacto com a família como um sinal de legítimo afeto (especialmente quando se trata de visita aos pais), considera-o um encontro reequilibrante, e uma ocasião de testemunho. Naturalmente tudo com o senso de medida e da *discretio*, que deve ser uma virtude salesiana ⁽⁹²⁾.

De qualquer maneira não se deverá esquecer nunca que para o homem consagrado permanece sempre válida a prioridade absoluta da missão. Salvo casos excepcionais de ajuda urgente, o amor aos familiares passa, por que assim digamos, a segundo plano, após as exigências do Reino ⁽⁹³⁾; e é tarefa nossa, delicada mas necessária, educar evangelicamente os nossos familiares com respeito ao dever que assumimos.

(91) cf. *Constituições*, art. 52.

(92) cf. *CGE*, n.º 674; *Regulamentos*, art. 40; *OEFCS*, n.º 85.

(93) *Lc* 9, 59-62.

Duas fontes perenes de luz e de força

Tratei, como vedes, de muitos aspectos da nossa castidade consagrada: fiz também numerosas referências a pontos concretos. Estou convencido de que sabereis fazê-los vossos, e que vos empenhareis em observá-los. Como exortação final julgo útil lembrar-vos as três Deliberações que o Capítulo Geral 19 propôs a todos os Salesianos no tema da castidade.

“Primeiro. Os Salesianos, como Congregação e como indivíduos, tomem clara consciência de que têm uma mensagem especial de pureza a transmitir ao mundo atual, e uma missão particular junto aos jovens para os educar numa pureza vigorosa; e de que tal missão exige neles, de modo especial, uma pureza a toda a prova.

“Segundo. O Salesiano deve aceitar lealmente a necessidade da mortificação e da prudência, que, sobretudo neste campo, são formas autênticas do seu amor pessoal a Cristo e condição do seu equilíbrio interior. Afaste-se de toda a ocasião equívoca (livros, filmes etc.); seja discreto na direção espiritual; e, se deve exercer o apostolado entre o mundo feminino, faça-o com simplicidade e delicadeza, de pleno acordo com o seu Superior.

“Terceiro. O Salesiano, na sua vida pessoal, seja fiel em dar à Virgem Santíssima todo o lugar que lhe compete através de uma fecunda expansão sobrenatural dos seus afetos e da irradiação da sua pureza”⁽⁹⁴⁾.

Terminei. Peço a todos que recebam com simplicidade e cordiais disposições estas reflexões, e tirem delas proveito pessoal e comunitariamente. Peço também que as meditem no seu todo, sem exagerar o sentido de alguns parágrafos com prejuízo de outros, para que se garanta o justo equilíbrio do pensamento.

E peçamos ao Espírito Santo nos ilumine interiormente com seus dons. A nossa castidade consagrada é possível antes de tudo porque é um dom de Deus, “um dom precioso”⁽⁹⁵⁾ que devemos receber com ação de graças, e desenvolver com amor jubiloso de reciprocidade.

(94) *Actas do XIX Capítulo Geral*, pág. 99.

(95) *Constituições*, art. 75.

Temos à disposição para tanto duas fontes perenes de luz e de força: a Eucaristia, onde encontramos a Cristo no próprio ato do seu dúplice amor de Vítima e de Alimento celeste, e onde todo o nosso ser se comunica com seu Corpo e Sangue de Salvador ⁽⁹⁶⁾; e a devoção cordial à Virgem Auxiliadora, bendita entre as mulheres, Imaculada e totalmente consagrada a seu Filho, “fundadora” da nossa obra no dia 8 de dezembro.

Cumprimento-os cordialmente, e retribuo com afeto vossa oração fraterna.

P. Luís RICCERI
Reitor-Mor

(96) A nossa atitude interior exprime-se bem na oração litúrgica: *“Ó Deus de bondade, purificai-nos e renovai-nos pelo sacramento que recebemos, de modo que sejamos auxiliados hoje e por toda a nossa vida”* (Postcom. da terça-feira da quarta semana de Quaresma).

3. O CAPÍTULO GERAL 21

A preparação ao CG21 e aos respectivos Capítulos Inspetoriais acha-se em boa parte documentada na Secretaria do Regulador, ao qual chegam todos os dias relatórios detalhados do trabalho realizado. As Comissões Técnicas, que preparam os Capítulos Inspetoriais, souberam quase em toda a parte atingir e interessar os Irmãos e as comunidades, de maneiras diversas e alguma vez originais; notável o empenho em criar um clima de oração, a fim de tornar mais eficaz e convicto o trabalho de reflexão e avaliação.

Em quase todas as Inspetorias foi nomeado o Regulador e eleitos os delegados ao Capítulo Inspetorial. As datas para o Capítulo foram escolhidas em geral entre dois grandes períodos: o que se segue imediatamente ao Natal e o que precede imediatamente o tríduo pascal. Alguns Capítulos, porém, especialmente no hemisfério austral, realizam-se nos meses de janeiro-março, e alguns já se realizaram em novembro. Algumas Inspetorias fazem-no num único turno, às vezes de dez ou mais dias; outras em dois, três ou mesmo quatro, distribuídos no espaço de vários meses.

No último trimestre do ano multiplicaram-se os pedidos de esclarecimentos de caráter jurídico, mormente com referência às eleições dos delegados ao Capítulo Inspetorial e ao desenvolvimento do Capítulo; o Regulador, ajudado pelo Departamento jurídico, respondeu da maneira mais oportuna possível.

Para atender ao pedido de subsídios e sugestões para a animação e oração comunitária em preparação ao CG21, o Regulador enviou aos Inspetores, em novembro, um dossiê de orações, sugestões para as Santas Missas e para liturgias e alguns modelos de "Liturgia da Palavra", tomados de outras Inspetorias ou adrede preparados. Foi enviado a quem solicitou algum outro material útil, extraído da documentação chegada à Secretaria do Regulador: especialmente reflexões sobre o tema geral de estudo, conferências dadas por alguns membros do Conselho Superior etc. Verificou-se frutuoso intercâmbio de subsídios e material entre Inspetorias de mesma língua. Mostraram-se particularmente úteis no caso os *Informativos Inspetoriais*.

É oportuno lembrar que a tarefa do Capítulo Inspetorial é (além do que está previsto nas *Const.*, 177.5): estudar os argumentos propostos ao CG21, partindo das contribuições dos Irmãos e das comunidades e elaborando propostas e sugestões a serem encaminhadas ao

CG21; propor outros argumentos considerados de vital importância para a Congregação. Trata-se, pois, *antes de tudo* de uma dupla verificação (o Reitor-mor descreveu-lhe claramente as características): quanto às Constituições e Regulamentos e quanto ao tema geral de estudo. A essa tarefa primária deve *subordinar-se* o eventual estudo de outros temas e problemas julgados urgentes, importantes e de validade universal para a Congregação (validade universal não quer dizer evidentemente indeterminação e universalismo).

Enfim, a escolha preferencial de um tema ou problema mais destacadamente *local* deveria fazer-se considerando-se-lhe o peso específico com relação ao renovamento, à expectativa válida e generalizada dos Irmãos e das comunidades, e sua não natural inserção nos dois setores de verificação acima lembrados.

* Lembramos a improrrogabilidade do prazo de 30 de abril de 1977, estabelecido para o envio ao Regulador do CG21 da documentação dos Capítulos Inspetoriais e das contribuições dos Irmãos; e de 31 de março de 1977 para a resposta ao "Levantamento sobre o estado das obras da Congregação". Sejam comunicados imediatamente após sua eleição os nomes dos delegados ao CG21: dentre eles o Reitor-mor com o seu Conselho escolherá os membros da Comissão Pré-capitular (maio de 1977).

* O Regulador continua disponível a qualquer pedido de esclarecimentos e ajuda, e agradece notícias e documentação do trabalho realizado nas Inspetorias.

* O interesse dos Irmãos e das comunidades não cessará com a eleição dos delegados ao Capítulo Inspetorial e ao CG 21. A reflexão, o estudo, a informação e a oração constante serão o alimento da confiança, que nunca falta a quem trabalha na vontade de Deus, e deve acompanhar toda a preparação e desenvolvimento do CG 21.

4. COMUNICAÇÕES

1. A Lembrança do Reitor-Mor para 1977

A nova "Lembrança do Reitor-Mor", que nestes dias aparece também nos Boletins Salesianos de janeiro, visa a interessar toda a família de Dom Bosco na celebração do CG 21.

Prende-se ao argumento muito discutido e palpitante hoje na Igreja — a Evangelização — que é também o "Tema geral" proposto pelo Reitor-mor à reflexão dos Irmãos.

Com o trabalho de aprofundamento do tema — se realizado com empenho por cada um, pelas comunidades e pelos ramos da Família Salesiana — será possível conseguir maior consciência e união de esforços em torno do projeto apostólico de Dom Bosco, garantindo-lhe desta sorte a eficácia para o bem dos jovens na Igreja e no mundo.

Eis o texto da Lembrança:

A Congregação Salesiana celebra este ano o 21.º Capítulo Geral da sua história, exatamente um século após o primeiro Capítulo convocado pelo mesmo Dom Bosco.

Em circunstância tão significativa os Salesianos são convidados a verificar a eficácia da "renovação da Congregação", que lhes foi pedida pelo Pós-concílio, à luz da grande reflexão que a Igreja está fazendo sobre o fecundo tema da Evangelização.

Penso quão vantajoso seja estender, este ano, a todos os membros da Família Salesiana o convite para verificarem o próprio empenho em

**ANUNCIAR A CRISTO
E DAR ESSE TESTEMUNHO COM A PRÓPRIA VIDA.**

Cada um de nós individualmente e os grupos da nossa Família procuraremos juntos realizar esse empenho, na perspectiva, hoje mais atual que nunca, do projeto apostólico de Dom Bosco.

P. LUÍS RICCERI
Reitor-Mor

2. Novos Inspetores

O Reitor-mor nomeou os seguintes Inspetores:

P. Aureliano LAGUNA VEGAS para a Inspetoria de León (Espanha);

P. Homero PARON para a Inspetoria Vêneta de Mogliano Vêneto (Itália);

P. Benjamin PUTHOTA para a Inspetoria de Madrasta (Índia).

3. As nossas causas de canonização

a) *Dom Versiglia e P. Caravário declarados mártires.* Foi dado um passo importante nas causas de beatificação de D. Versiglia e P. Caravário. "L'Osservatore Romano" de 14 de novembro, domingo, trazia a seguinte notícia:

"Ontem, 13 de novembro de 1976, na presença do Santo Padre, foram promulgados seis Decretos, relativos a outras tantas Causas de canonização e beatificação. Precisamente (...):

"sobre o martírio dos Servos de Deus: Luís Versiglia, da Sociedade de São Francisco de Sales, Bispo titular de Caristo, Vigário Apostólico de Schiu-chow; nascido em Oliva Gessi (diocese de Tortona) a 5 de junho de 1873 e falecido em Li Thau Tseui (China) a 25 de fevereiro de 1930; e Calisto Caravário, sacerdote da mesma Sociedade de São Francisco de Sales; nascido em Courgné (Turim) a 8 de junho de 1903 e falecido em Li Thau Tseui a 25 de fevereiro de 1930...".

O Decreto reconhece de maneira oficial o martírio dos nossos dois missionários, para cuja Beatificação falta somente um milagre.

A feliz notícia vem coroar jubilosamente o ano Centenário das Missões Salesianas.

b) *Iniciado o processo para Mons. Cimatti.* Vem do Japão a notícia que a 26-11-1976 se abriu em Chofu — na presença de quatro bispos e de numerosa representação da Família Salesiana — o Processo Canônico para a beatificação e canonização do Servo de Deus Mons. Vicente Cimatti.

Quem desejar material para tornar conhecida esta simpática figura salesiana, pode dirigir-se ao Postulador das causas, P. Carlos Orlando (Via della Pisana 1111, C. P. 9092, 00100 ROMA-AURELIO).

4. O Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos

"Uma presença salesiana no mundo para levar Cristo aos jovens". Com esse eslógaõ o manifesto do Centenário anunciava o Congresso, após a convocação do Reitor-mor que a 24 de maio de 1975 definia temas e datas (Cf. ACS 280).

Os congressos locais, inspetoriais e nacionais prepararam a base; o Congresso propriamente dito celebrou-se em Roma, no Salesianum, de 30 de outubro a 3 de novembro de 1976.

As Inspetorias e Delegações presentes foram 75 sobre 78, de quarenta nações; 150 os Delegados e 131 os Observadores, assim distribuídos: 105 delegados leigos, 45 religiosos; 55 observadores leigos, 76 religiosos. Respeitou-se assim a porcentagem estabelecida pelo regulamento interno, e teve-se um Congresso dirigido pela primeira vez de maneira preponderante pelos próprios Cooperadores.

Honraram o Congresso com sua presença os Cardeais Garrone, Carpino e Silva Henríquez, os Bispos Moreira Neves, Castilho e Javierre, os Superiores SDB e duas Superiores FMA, os máximos Responsáveis internacionais dos vários grupos da Família Salesiana e das Ordens Terceiras.

Na tarde de 30 de outubro o Reitor-mor abriu os trabalhos, o Secretário-coordenador do Conselho nacional italiano deu as boas-vindas e o Regulador, Dr. Luís Sarcheletti, apresentou os trabalhos e providenciou a constituição de Comissões e Grupos de estudo.

Criou-se logo entre os presentes um clima cordial de família. Os dias iniciavam-se com fervorosa Celebração Eucarística.

O P. Raineri fez a comemoração oficial do Centenário; o tema "*Compromisso do Cooperador salesiano na Família, na Igreja e na Sociedade*" foi apresentado, nas suas três partes, respectivamente por Isidoro Barneto (Espanha), Roberto Ingaramo (Argentina) e José Giannantonio (Itália).

Os treze grupos de estudo examinaram as relações em animadíssimos debates, e as conclusões foram votadas no salão de reuniões com o sistema eletrônico a 2 de novembro, juntamente com as propostas de modificações ao Novo Regulamento, apresentadas pelo Sr. Angelo Tei.

Índia, Argentina, Espanha, México, Itália desfilaram no painel sobre iniciativas missionárias dos Cooperadores Salesianos, que se encerrou com o testemunho de dois jovens cooperadores de malas pron-

tas para a Patagônia, semente e sinal da orientação missionária da Associação.

Inaugurou-se outrossim a exposição dos trabalhos do Concurso “Missões Salesianas — Ano Cem” promovido pelos Cooperadores entre os estudantes da Itália.

A 3 de novembro mais de 2000 membros e amigos da Família Salesiana uniram-se aos 300 congressistas e aos 300 jovens encontristas de Grottaferrata para a Concelebração na Basílica de São Pedro, no altar da Confissão, presidida pelo Reitor-Mor.

As 11, sempre na Basílica de São Pedro, foram recebidos por Paulo VI em Audiência Especial. O texto do discurso pronunciado pelo Papa é reproduzido na seção “Magistério Pontifício”, pág. 59).

Nos dias 3-5 de novembro realizou-se o *Encontro europeu dos Jovens Cooperadores*, que tratou do tema *‘Juntos para construir a civilização do amor evangelizando’*. O P. Ricardo Tonelli fez a conferência, que foi debatida em 20 grupos de estudo.

Liturgias particularmente vividas, grande empenho nas discussões, alegria franca no sarau da fraternidade. A moção final conclui com um apelo explícito aos Salesianos para que atendam em maior escala à animação espiritual dos grupos a fim de que os Cooperadores possam ser deveras, como disse Dom Bosco, a alma da Congregação.

Um salesiano presente ao encontro sintetiza assim as suas impressões: “Temos nas mãos um potencial humano de primeira ordem, cuja incidência na sociedade depende de nós. Surgem então importantes perguntas: em que medida nós Salesianos aceitamos ou procuramos a colaboração responsável dos Cooperadores? Que preparação temos ou procuramos adquirir para formar os jovens cooperadores? Que lugar estamos dispostos a criar para eles em nossas obras?”.

5. O primeiro Congresso de Ex-alunos da Ásia e da Austrália

De 25.11 a 1.12.1976 reuniu-se em Hong-Kong — com pleno êxito — o “Primeiro Congresso de Ex-tlunos de Dom Bosco da Ásia e da Austrália”.

Nele tomaram parte três Superiores do Conselho representando o Reitor-mor: o Conselheiro para os Ex-Alunos P. Raineri, o Regional para o Extremo Oriente P. Williams, e o Conselheiro para as missões P. Tohill. Da Confederação mundial estavam presentes o Presidente

confederal José Gonzalez Torres vindo do México, o Delegado confederal P. Humberto Bastasi (que foi o animador do Congresso), e outros responsáveis e representantes do movimento provenientes da Europa.

Não obstante as grandes distâncias e o custo das viagens, bem 130 delegados apresentaram-se pontualmente ao encontro no Instituto Técnico Salesiano “Aberdeen” de Hong-Kong, representando as seguintes Federações: China (Hong-Kong, Macau, Taiwan), Tailândia, Coreia, Butão, Birmânia, Filipinas, Japão, Índia, Austrália. Somente as representações do Vietnã e do Sri Lanka não puderam comparecer.

Entre os escopos prefixados para o Congresso destacava-se o de ajudar os Ex-alunos a reconhecer a própria identidade, a matriz salesiana donde provêm, a estrutura do movimento a que pertencem, e as finalidades que lhe são próprias na Família Salesiana a serviço da juventude. Pretendia-se tornar os Ex-alunos mais conscientes da missão a que são chamados para a construção de um mundo melhor. Queria-se oferecer uma possibilidade concreta de se conhecerem mutuamente para lá das diferenças de cultura, língua, religião, e de dar um exemplo eficaz de amor que mesmo no pluralismo das diversas religiões cria unidade de esforços e fraternidade.

O tema geral, tratado pelo Presidente federal da Índia foi: “O significado e o papel da Associação de Ex-alunos de Dom Bosco na Ásia e na Austrália”. Tomaram a palavra também o P. Raineri, o P. Tohill (que comemorou o “Centenário das missões salesianas”), e o P. Williams (que leu o telegrama do Papa e a mensagem do Reitor-Mor). Entre os vários relatores foi significativa a intervenção do Presidente da Associação de Hong-Kong, de religião não católica.

Desde o primeiro encontro criou-se entre os participantes um clima de cordialidade, fraternidade, alegria, tão próprios de todos os Congressos dos Ex-alunos. Não houve dificuldade em fraternizar com os Ex-alunos não cristãos, que numa Federação asiática atinge até 80-90% dos membros.

Evidenciou-se claramente o apego demonstrado pelos Ex-alunos — também pelos não católicos — a Dom Bosco e ao seu Sucessor: apego que se revelou sobretudo na disponibilidade e no empenho em colaborar com a Congregação para o bem da juventude.

Entre as muitas manifestações merece especial menção a “cerimônia inter-religiosa” que teve lugar na aula magna da universidade de Hong-Kong, com a presença de autoridades judias, budistas, hinduís-

tas, muçulmanas, e naturalmente cristãs. Houve, nessa oração comunitária, momentos de intensa comoção, prova de que a tensão para os grandes valores do espírito é uma das dimensões essenciais do homem.

Marcadamente importante para o êxito do Congresso a contribuição das Filhas de Maria Auxiliadora, que colaboravam validamente na complexa organização, e proporcionaram aos congressistas um simpático acolhimento em suas obras.

Os delegados, divididos em oito grupos de estudo, discutiram as várias relações, e elaboraram moções finais extremamente válidas. Eis algumas notas.

* A associação dos Ex-alunos mostra-se plenamente capaz de continuar a educação recebida nas obras salesianas, e a fazê-la frutificar no serviço dos irmãos, da sociedade e da Igreja.

* Para a vitalidade da Associação é necessário um mínimo de estruturas de organização (da União local junto à casa salesiana até às estruturas centrais).

* É necessário, não somente oportuno, que os leigos, guiando responsabilmente a Associação, sintam o empenho e a possibilidade de colaborar com a Congregação.

* Resulta igualmente necessária a presença dos Salesianos entre os Ex-alunos, como forma de animação espiritual da Associação.

Como consequência, o Congresso fez um insistente apelo aos Inspectores do Extremo Oriente, convidando-os a empenhar-se em âmbito inspetorial e local para que:

* os Salesianos possam aprofundar o conhecimento do Movimento nos documentos oficiais da Congregação e da Confederação;

* saibam introduzir nas várias fases do processo educativo a preparação dos alunos à sua futura inserção na sociedade e no mundo do trabalho (o que vem a ser prepará-los a seu futuro de Ex-alunos);

* sejam escolhidos como delegados dos Ex-alunos, salesianos de espiritualidade profunda e moderna, cordialmente abertos, e trabalhando entre os meninos e os jovens;

* dê-se aos delegados conveniente disponibilidade de tempo, e certa continuidade no cargo (quando necessária uma mudança de homens, seja ela decidida de acordo com os dirigentes leigos da Associação).

O Congresso, na opinião dos responsáveis presentes, atingiu em grande escala os escopos prefixados. E de acordo com as decisões tomadas, será seguido de um "Segundo Congresso de Ex-alunos da Ásia e da Austrália", que se reunirá em Manila, em 1980.

6. O sétimo Curso de Formação Permanente

O sétimo Curso de Formação Permanente iniciou-se a 10 de novembro e prosseguirá até os primeiros dias de fevereiro de 1977. Os seis Cursos precedentes reuniram na Pisana mais de 200 Irmãos de quase todas as Nações e Inspetorias. Finalidade dos Cursos é favorecer a renovação pedida pelo Capítulo Geral Especial, e oferecer às Inspetorias uma ajuda para iniciativas locais similares.

Também o Curso atual tem uma função de estímulo às iniciativas locais, que se estão realizando um pouco por toda a parte na Congregação após os seis Cursos já realizados na Pisana; ao passo, porém, que os Cursos precedentes se destinavam aos Irmãos dos 35-40 anos, este é reservado a Irmãos de 55-70 anos, contanto que capazes — de volta às suas Inspetorias — de uma válida atuação apostólica e salesiana, sobretudo como homens de conselho e animação discreta e construtiva. Nessa perspectiva o Curso oferece-lhes oportuno momento de reflexão, oração e troca de experiências. Os 38 Irmãos do Curso, provenientes de 20 nações e 33 Inspetorias, estão vivendo com satisfação esta experiência, que se mostra grandemente profícua.

Um segundo Curso, análogo a este, irá realizar-se, sempre na Pisana, de 1.º de março aos primeiros dias de junho de 1977. É também para Irmãos de 55-70 anos, capazes de animação, aptos a enfrentar o trabalho sério que o Curso comporta. Requer-se que conheçam suficientemente o italiano, e aceitem livremente a participação; sejam além disso capazes de fazer comunidade, abertos ao diálogo, à iniciativa, e sobretudo à renovação interior.

5. O CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS

1. Encerramento do Centenário na Argentina

As solenidades realizaram-se nos dias 12-18 de novembro passado, em Buenos Aires e San Nicolás de los Arroyos (a primeira Casa salesiana da América), presentes o Reitor-Mor, o Conselheiro regional P. Vecchi, duas Madres do Conselho Superior das FMA.

Seria difícil imaginar comemoração mais solene e ao mesmo tempo com marca mais genuinamente salesiana. O povo argentino desdobrou-se em todos os níveis numa manifestação de criatividade e sincero entusiasmo, ao prestar a homenagem nacional à Obra de Dom Bosco.

Uma semana densa

Sexta-feira, 12.11. Chegada do Reitor-Mor. Na “sala de recepção” do aeroporto internacional de Ezeiza são apresentadas ao P. Ricceri as boas-vindas da Família Salesiana, e a saudação oficial do Governo (o Reitor-mor é declarado “hóspede de honra”).

Sábado, 13.11. Chegada do Reitor-Mor a San Nicolás de los Arroyos (com avião colocado à disposição pelas Forças Aéreas Argentinas). Após a recepção festiva, solene concelebração (entre as ofertas, o prefeito entrega a “chave da cidade”).

Domingo, 14.11. Encontro com a Família Salesiana: O Reitor-Mor passa duas horas (conferência, diálogo, entrevista) com os membros da Família de Dom Bosco. À tarde regressa de avião a Buenos Aires.

Segunda-feira, 15.11. Gravação da entrevista com o Reitor-Mor pela televisão argentina. Tarde alta, na igreja catedral de Buenos Aires: ação de graças e homenagem salesiana ao episcopado argentino. Missa concelebrada, presidida pelo Card. Aramburu. Em seguida descoberta de uma lápide comemorativa do Arcebispo Aneyros, que havia chamado os Salesianos.

Terça-feira, 16.11. Visita de agradecimento do Reitor-Mor ao Card. Aramburu. À tarde, na Basílica de Maria Auxiliadora de Almagro (bairro de Buenos Aires): concelebração para a Família Salesiana da capital, presidida pelo Reitor-Mor. Profissão religiosa de Salesianos, Fi-

lhas de Maria Auxiliadora, Voluntárias de Dom Bosco; “promessa” de perto de trinta Cooperadores. Ceia de família e “boa-noite” do Reitor-mor.

Quarta-feira, 17.11. À tarde, no teatro Colón (o maior templo da ópera na América Latina, que se tornou... pequeno para o acontecimento): homenagem oficial da Nação Argentina à Obra Salesiana. Aham-se presentes as máximas autoridades civis e eclesiásticas. No palco os 250 jovens cantores das obras salesianas de Buenos Aires. A orquestra do Colón, habitualmente dirigida pelos melhores regentes do mundo, está sob a direção de um maestro salesiano. Discursos oficiais, e no encerramento o *Aleluia* de Haendel cantado pelo coro. Muitos olhos brilham.

Quinta-feira, 18.11. Visita do Reitor-Mor ao Presidente da República Argentina. Entrevista fora do programa, aos jovens Salesianos da Capital.

Sexta-feira, 19.11. Volta a Roma.

AS impressões do Reitor-Mor

O melhor comentário às celebrações argentinas encontra-se nas palavras do Reitor-Mor, que esteve no centro do acontecimento. De volta a Roma, o P. Ricceri transmitiu suas impressões aos irmãos da Casa Geral, numa conversa familiar.

Após lembrar a famosa frase: “*A Argentina é a segunda pátria de Dom Bosco*”, prosseguiu: “Eu pensava que fosse apenas uma bela frase, bem inventada; tive agora que verificar que a Argentina tornou-se realmente a terra de Dom Bosco. Dom Bosco e os Salesianos encarnaram-se na Argentina, tornaram-se argentinos entre os argentinos. Os argentinos olham Dom Bosco como coisa própria”.

Entre outras coisas — prosseguiu — “25% do clero argentino é formado pelos Salesianos. No Sul do país, então, qualquer “padre” é considerado salesiano pelo povo. Não podem aquelas populações pensar que não seja um Salesiano: há décadas que conhecem apenas Salesianos”.

O P. Ricceri salientou a alegria dos dias comemorativos: “*Dias de Festas*, não de festinhas, substanciais porque preparadas espiritualmente. Uma organização à maneira... alemã, que vinha de longe (um ano de trabalho), que interessou a todos.

“Foi uma festa popular, com grande participação do povo. Não provocada, mas deveras freada: aonde quer que se fosse, vi que não cabíamos nunca todos.

“Uma festa juvenil. Quantos jovens! Milhares, e todos eles jovens das nossas obras. São treze as obras salesianas só em Buenos Aires. E eles, os jovens, foram os protagonistas no Teatro Colón.

“Uma festa nacional. As autoridades representaram verdadeiramente o povo, os sentimentos do povo. Entre todos a mais feliz era a Senhora do Presidente argentino, ex-aluna das Filhas de Maria Auxiliadora.

“Uma festa da Família Salesiana. Todos os ramos da nossa Família colaboraram com entusiasmo na preparação dos festejos. E mais: a 16 de novembro, em Buenos Aires, uma concelebração que durou duas horas: metade da igreja ocupada pelas alvas brancas dos sacerdotes concelebrantes, e a outra metade pelo preto dos hábitos das Irmãs.

“Também uma festa dos Salesianos jovens. O último dia devia ser de repouso para mim, e ao invés eles chegaram: uns setenta entre Irmãos em formação, noviços e jovens postulantes. Foi uma longa entrevista. Como são diferentes dos jovens mesmo de apenas quatro ou cinco anos atrás! Aumenta o número de vocações. Procuram deveras Dom Bosco. Querem conhecê-lo a fundo. Amam-no. Amam as coisas salesianas. São abertos, e com relação a nós com justiça exigentes.

“Foram também dias de esperança. Nota-se, após as recentes crises, que está a começar uma vida nova. Dizem-no também os Salesianos antigos que percebem os sinais da mudança: sentimo-nos renovados, olhando o futuro com nova esperança. Os nossos jovens de hoje são uma garantia”.

Essas as impressões do Reitor-Mor, numa conversação aqui livremente condensada.

2. Encerramento do Centenário em Turim

O encerramento do “Centenário das Missões Salesianas” em Turim-Valdocco realizou-se no domingo, dia 7.11.1976, com a presença do Reitor-mor, do P. Tohill e de diversos outros superiores. Duas manifestações caracterizaram o dia: a função de adeus aos missionários prestar a partir, e uma sessão acadêmica no salão de teatro.

A *função de adeus* teve lugar à tarde, numa Basílica de Maria Auxiliadora repleta de membros da Família Salesiana e amigos da obra de Dom Bosco. Particularmente numerosos, em torno dos novos missionários, os parentes e amigos vindos mesmo de longe. A função, simples e comovente, desenrolou-se durante a solene concelebração presidida pelo Reitor-Mor. Foi significativa a presença, entre os missionários, de três jovens Cooperadores leigos.

A noite, a *sessão académica em honra dos missionários* no salão de teatro de Valdocco. Foi projetado em avant-première o documentário “um sonho cem anos depois”, filmado hoje nos mesmos lugares que Dom Bosco “viu” e descreveu há um século. Foram também premiados os meninos vencedores do concurso “Missões salesianas — ano cem” promovido pelos Cooperadores entre os estudantes da Itália.

Dois exibições musicais salientaram em Turim o encerramento do centenário. Em primeiro lugar uma série de três concertos de órgão, realizados durante o mês de novembro na nova igreja da UPS (Crocetta): as peças, confiadas a competentes maestros, pertenciam ao repertório clássico e ao salesiano.

A 23 de dezembro aconteceu no Auditorium turinês da RAI a primeira execução de uma “cantata-oratório para coros e orquestra” composta pelo maestro Alberto Pizzini, cooperador salesiano, para celebrar o centenário das nossas missões. A mesma cantata consta dos programas da RAI para janeiro de 1977.

A estas breves notícias de Turim não é possível infelizmente juntar uma ainda que sumária descrição de quanto contemporaneamente se fez — e muito menos ainda durante todo o ano centenário — nas diversas inspetorias e casas: seria muito longo. Deve confortar-nos o fato que em toda a parte os amigos de Dom Bosco e as autoridades relevaram, com uma participação muitas vezes intensa, as numerosíssimas celebrações organizadas um pouco por toda a parte em nossas casas.

3. Dados da 106.^a Expedição missionária salesiana

A expedição missionária salesiana de 1976 (106.^a da longa série iniciada há um século por Dom Bosco), compreende 53 novos missionários dos quais:

22 sacerdotes;

16 clérigos;

- 12 coadjutores;
- 3 cooperadores leigos.

Idade média: 34 anos. Idade mínima, os 19 anos de um clérigo; idade máxima, os 62 anos de um sacerdote.

Países de origem. Os 53 missionários provêm:

- 13 da Itália;
- 10 da Polónia;
- 7 da Espanha;
- 4 da Irlanda e da Índia respectivamente;
- 3 da França;
- 2 do Brasil, de Portugal e dos Estados Unidos respectivamente;
- 1 da Bélgica, Tchecoslováquia, El Salvador, Filipinas, Alemanha Ocidental, República Sul-africana.

Inspetorias de origem. Os 53 missionários provêm:

- 8 da Inspetoria de Lódz;
- 5 da Inspetoria Irlandesa;
- 4 da Central;
- 3 de Madrastra;
- 2 respectivamente das Inspetorias italianas Lombarda, Meridional e Subalpina; espanholas de Bilbao, León e Valência; francesa de Lyon e Paris; da Portuguesa e da de São Paulo;
- 1 missionário respectivamente das Inspetorias: Australiana, de Barcelona, Bélgica do Norte, Bombaim, América Central, Filipinas, Cracóvia, New Rochelle, São Francisco e Veneta San Marco.

Países de destino. Os missionários foram: 27 para a América Latina, 15 para a África, 9 para a Ásia (dois aguardam ainda o destino). Segundo as nações:

- 8 para o Brasil;
- 4 respectivamente para as Antilhas, Argentina, Bolívia, Índia e República Sul-africana;
- 3 para o Gabão e Zaire;

2 para a Colômbia, Equador, Filipinas, Macau, Marrocos e Paraguai;

1 respectivamente para o Egito, Líbia, Swazilândia, Tailândia e Venezuela.

4. Seminário de estudo sobre o apostolado na periferia

Nos dias 19-24 de fevereiro de 1977 realizar-se-á no Salesianum de Roma um "seminário de estudo" sobre o apostolado salesiano nas periferias (bidonvilles, favelas, slums).

Da iniciativa, que se coloca dentro do Centenário das Missões salesianas, deverá participar apenas um Salesiano por Inspeção. E mais precisamente — como propôs o Reitor-Mor numa comunicação aos Inspectores — apenas Irmãos que estejam "verdadeiramente empenhados nesse tipo de apostolado, capazes de apresentar experiências no encontro de Roma, e de levar à própria Inspeção maior consciência e sensibilização apostólica".

Os trabalhos do seminário constarão da exposição de experiências, reflexão de grupo, e contribuições de peritos.

O escopo desses estimulantes dias de estudo é duplo. Em primeiro lugar *para os participantes*: levá-los a analisar e confrontar as experiências em curso, a estudar as causas de inadaptação e marginalização, a procurar os critérios e metodologias para a promoção humana e cristã, a precisar o significado da presença salesiana neste setor. Em segundo lugar, *mais amplamente*, sensibilizar a Família de Dom Bosco quanto a esta forma de apostolado tipicamente salesiano.

5. Pedido de relatórios sobre o Centenário

O Dicastério das Missões solicitou em novembro passado aos Inspectores um relatório pormenorizado, e acompanhado de documentação fotográfica, sobre as várias iniciativas levadas a cabo durante o ano centenário das missões salesianas.

A carta enviada pelo P. Tohill aos Inspectores é reproduzida na secção "Documentos" (pág. 57).

6. "Solidariedade fraterna" superou o meio bilhão de liras

Com as últimas ofertas registradas nesta "21.ª Relação", o total das somas enviadas pelos Irmãos para a "Solidariedade fraterna" su-

perou meio bilhão de liras. A iniciativa continua, pois, a encontrar plena compreensão e adesão dos Irmãos.

"Solidariedade fraterna" havia sido proposta há mais de oito anos pelo Reitor-Mor, como corolário prático de sua "Carta sobre a pobreza (novembro de 1968), e buscava motivação no fato que existem "muitas obras necessitadas", que por vezes "carecem dos meios primordiais de vida, a tal ponto que os Irmãos não só vivem em condições de extrema pobreza, mas devem resignar-se à paralisação de grande parte de sua ação quer social quer apostólica, justamente por falta de meios".

Ajudar essas obras e esses Irmãos — frisava o P. Ricceri (Atos do Conselho n.º 256, pág. 5) — torna-se "um dever ao mesmo tempo de justiça e de caridade fraterna". E como ajudar? "Os frutos desta solidariedade deverão provir de cada um de nós como pessoa, e de nós como comunidade..., da nossa pobreza vivida generosamente, de uma administração mais cuidadosa e atenta, de certas renúncias a não poucas coisas supérfluas e inoportunas...".

A crise econômica que grava nestes anos vastas zonas do mundo, aumentou por certo a apertura de muitos Irmãos e de muitas obras. A próxima quaresma poderia ser para a nossa comunidade uma ocasião para colaborar generosamente para a "Solidariedade fraterna".

a) INPETORIAS DONDE CHEGARAM OFERTAS

AMÉRICA

América Central	Liras 2.000.000
Estados Unidos, São Francisco	4.000.000

EUROPA

Alemanha — Colônia	13.400.000
Itália, Meridional	1.461.000
Itália, Subalpina	3.818.000
Itália, Veneta San Marco	4.385.000
Portugal	860.000
Espanha, Valencia	1.813.000

Total das ofertas que chegaram entre 10 de setembro e 11 de novembro de 1976	Liras 31.737.000
Fundo em caixa anterior	4.387
Soma disponível a 11 de novembro de 1976	31.741.387

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

ÁFRICA

Africa Central, de Colônia, para a formação dos jovens Zairenses	13.400.000
--	------------

AMÉRICA

Antilhas: bolsa para Curso de Formação Permanente	500.000
Argentina, Buenos Aires: bolsa para C. F. P.	500.000
Argentina, Bahia Blanca: bolsa para C. F. P.	1.000.000
Argentina, Bahia Blanca: a Dom Moure (da Veneta San Marco)	500.000
Argentina, Bahia Blanca: Comodoro Rivadavia para o programa Radio Cemipas	400.000
Argentina, Córdoba: para a obra social San Antonio	1.000.000
Argentina, Rosario: bolsa para o Curso de F. Permanente	500.000
Bolívia: bolsa para o Curso de Formação Permanente	500.000
Brasil, Belo Horizonte: para a Obra Social "Vigilantes Mirins"	2.000.000
Brasil, Campo Grande: uma bolsa para o CPF	500.000
Brasil, Porto Alegre: " " " " "	500.000
América Central: " " " " "	1.000.000
Colômbia, Bogotá: " " " " "	500.000
Colômbia, Ariari: " " " " "	500.000
Colômbia, Medellin: " " " " "	500.000
Ecuador: " " " " "	500.000
México, México: " " " " "	500.000
Paraguai: " " " " "	500.000
Uruguai: " " " " "	500.000
Uruguai: expedição de material para um missionário	300.000

ÁSIA

Coréia: uma bolsa para o Curso de Form. Permanente	500.000
Índia, Calcutá: uma bolsa para o Curso de Form. Permanente	500.000

Índia, Madrastra: para jovens excepcionais e órfãos em Mangalagiri	1.600.000
Índia, Tura: para um Centro juvenil	1.000.000
Tailândia: para uma bolsa para o Curso de Form. Perm.	500.000

EUROPA

Itália, Central: para a decoração da igreja de Castelnuovo Don Bosco	1.000.000
<i>Total das quantias distribuídas entre 10 de setembro e 11 de novembro de 1976</i>	31.700.000
<i>Saldo em caixa</i>	41.387
<i>Total em libras</i>	31.741.387

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL

<i>Somas que chegaram até 11 de novembro de 1976</i>	502.967.901
<i>Somas distribuídas na mesma data</i>	502.926.514
<i>Saldo em caixa</i>	41.387

6. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

No outono de 1976 o Reitor-Mor e o seu Conselho estiveram empenhados em iniciativas várias, em Roma e em diversas partes do mundo salesiano.

O REITOR-MOR assistiu ao encerramento do "Centenário das Missões salesianas", primeiro em Turim e depois na Argentina (relação nas págs. 46-49).

O P. EGÍDIO VIGANÒ fez uma longa visita às casas de formação da América Latina, encontrando-se com Inspetores, Diretores e muitos responsáveis nos diversos níveis da Formação Salesiana, tanto inicial como permanente. As etapas de sua viagem foram México, América Central, Colômbia (Medellín e Bogotá), Peru, Bolívia e Chile. No Chile manteve um encontro com os responsáveis e os jovens do "Movimento juvenil salesiano", e — coadjuvado pelo P. Joseph Aubry — presidiu uma "Semana de espiritualidade" de que participaram 160 entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora.

Também o P. JUVENAL DHO visitou demoradamente a América Latina. Antes de partir presidiu no Salesianum de Roma um "Encontro de estudo e reflexão" para o pessoal das casas de orientação vocacional da Itália; foi depois à Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Chile, Peru, Venezuela e Antilhas. Nesses países manteve encontros com as diversas categorias de responsáveis pela Pastoral juvenil e vocacional, que trabalham nos aspirantados e casas de orientação vocacional, nos movimentos juvenis salesianos, nos centros juvenis, nos centros psico-pedagógicos de orientação etc. Na Região do Prata presidiu a Comissão Consultiva de Pastoral Juvenil e à Vocacional.

O P. JOÃO RAINERI ocupou-se em diversas iniciativas do seu dicastério: presidiu os "Dias da Família Salesiana" em três Inspetorias da Espanha; depois o "Congresso mundial dos Cooperadores Salesianos" e ao "Encontro europeu dos Jovens Cooperadores" (relação a págs. 41-42); em dezembro o "Congresso panasiático-australiano dos Ex-alunos (particulares a págs. 42-45). Em dezembro visitou ainda diversas Inspetorias da Ásia, entrando em contacto com os responsáveis pela Pastoral de adultos (paróquias, Cooperadores, Ex-alunos, VDB...). Consta de seu programa em janeiro um "Curso para párocos da Europa" e visitas na Iugoslávia e na Espanha.

O P. BERNARDO TOHILL com o seu dicastério continuou o trabalho de animação do "Centenário das missões": esteve presente ao encerramento em Turim e em Varsóvia. Desde meados de novembro visita as missões da Ásia, com etapas em Calcutá, Rangoon (Birmânia), Jacarta (Indonésia), Hong-Kong, Taiwan e Filipinas. Irá em seguida à Coreia, Japão, Tailândia e novamente à Índia.

Os Conselheiros Regionais

Os Conselheiros Regionais deixaram Roma em meados de outubro, para um longo período de visitas às respectivas Regiões.

O P. LUÍS FIORA está fazendo a visita canônica às Inspetorias Sícula e Subalpina. Em seu denso calendário figuram ainda: a "Conferência dos Inspetores da Itália e Oriente Médio", o "Curso para os Diretores recém-nomeados", e sete reuniões nacionais para vários setores (paróquias, Ex-alunos, Cooperadores etc.).

O P. JOSÉ HENRIQUEZ fez a visita extraordinária às Inspetorias do Equador e da América Central, e tem programadas visitas no Peru, Chile, Bolívia e Venezuela; depois a visita extraordinária à Inspetoria de Bogotá.

O P. ANTÔNIO MÉLIDA acha-se em visita extraordinária à Inspetoria de Valência, com os encontros de costume.

O P. JOÃO TER SCHURE após um rápido contacto com os Irmãos da França, Bélgica e Iugoslávia, fez a visita canônica à Austria, e atualmente se encontra na Inspetoria da África Central.

O P. JOÃO VECCHI, deixou Roma em agosto. Fez a visita extraordinária às Inspetorias do Paraguai e de Bahía Blanca (Argentina). Sempre na Argentina participou, ao lado do Reitor-mor, das celebrações de encerramento do "Centenário das missões", e faz agora a visita à Inspetoria de La Plata.

O P. JORGE WILLIAMS, cuja Região se estende pelos cinco continentes, visitou os Estados Unidos e a Índia, encontrando-se presentemente na Inspetoria Chinesa.

O longo período de visita dos Regionais se prolongará até 15 de abril. A partir dessa data o Conselho Superior estará completo em Roma, para examinar os relatórios das visitas realizadas, e para tomar as últimas medidas concernentes ao já próximo Capítulo Geral 21.

7. DOCUMENTOS

Pedido de relações sobre comemorações do Centenário das Missões

A 1.11.1976 o Conselheiro geral para as Missões, P. Bernardo Tohill, enviou aos Inspetores a seguinte carta.

Caríssimo Sr. Inspetor,

no último número (284) dos Atos do Conselho Superior lê-se a páginas 662: "De muitas Inspetorias chegam ao Dicastério confortadoras notícias sobre iniciativas levadas a efeito ou programadas para celebrar o Centenário das missões salesianas. Para um quadro mais completo das mesmas, os inspetores serão convidados a fornecer ao Dicastério um noticiário das celebrações e iniciativas realizadas no correr do ano".

O ano Centenário está a findar, e venho convidá-los, em nome do Reitor-Mor a fornecer-nos no mês de janeiro de 1977 uma relação completa do que a nível de Inspetoria, e também a nível de Casas, se pôde fazer para lembrar o Centenário e intensificar a animação missionária.

Nas relações que já nos chegaram de algumas Casas e Inspetorias vemos iniciativas como as que relacionamos, que aqui se transcrevem à guisa de exemplo:

- celebrações litúrgicas
- comemorações civis
- iniciativas pastorais e missionárias
- exposições
- concursos e disputas várias
- coletas para as missões
- publicação de livros, opúsculos, folhetos, prospectos etc.
- filmes e diapositivos
- programas radiofônicos e televisados...

Tais relações serão acompanhadas, na medida do possível, por uma boa documentação com fotografias, exemplares de programas impressos, dados estatísticos, nomes de personagens importantes etc., presentes, às funções e comemorações ou aos programas radiofônicos etc.

Peço-lhe agora incumba algum Irmão de colher e redigir essas informações e de enviá-las com certa presteza. Não quereríamos perder um material que tem um valor histórico de grande importância.

Agradeço-lhe de coração pelo que fizer a fim de que possamos preparar um dossiê completo sobre acontecimento tão importante e único.

P. BERNARDO TOHILL
Conselheiro para as Missões

9. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

Um povo de cooperadores

A 3.11.1976 Paulo VI recebeu em audiência especial três mil integrantes da Família Salesiana reunida em São Pedro por ocasião do "Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos". Em seu discurso o Papa ampliou notavelmente o texto oficial (publicado no dia seguinte por *L'Osservatore Romano*), com muitos acréscimos sugeridos pela costumeira cordialidade para com os Filhos de Dom Bosco.

Reproduzimos o discurso, tal qual foi gravado.

Com grande e sincera alegria, vos recebemos esta manhã nesta audiência, embora breve, mas inteiramente para vós! (*aplausos*) Para vós, Cooperadores Salesianos, provenientes de todas as partes do mundo!

Deveríamos falar todas as línguas para sermos acompanhados, mas o coração e a alma aberta dos Cooperadores Salesianos saberão compreender e em seguida traduzir nas respectivas línguas a nossa palavra.

Convosco saudamos o Reitor-Mor da Sociedade Salesiana, P. Luís Ricceri (*aplausos*), o qual, com os seus beneméritos Religiosos, pode justamente orgulhar-se da vitalidade, do número e da eficiência da Família espiritual que formais, recebendo a herança e a palavra de ordem de S. João Bosco.

E saudamo-vos, bem como a todas as vossas associações aqui representadas perante os nossos olhos, com as palavras de São Paulo: "Gaudium meum et corona mea". Sentimo-nos, de fato, rodeados por uma grande família, sentimo-nos rodeados por uma grande multidão, que vive na unidade e sente a fraternidade cristã.

Vós vos quereis bem? ("Sim!", *aplausos*).

Estais contentes? ("Sim!", *aplausos*).

E quereis bem a Dom Bosco? ("Sim!", *aplausos*).

Esta resposta autoriza-me outra pergunta: "E quereis bem ao Papa? ("Sim!", *aplausos*).

Caríssimos Filhos! Sabemos que vos reunistes aqui por ocasião do centenário da aprovação pontifícia, concedida pelo Nosso Predecessor Pio IX de venerada memória.

Conheceis por certo toda a história dessa vossa grande família de Cooperadores e assim evocamos-lhe apenas o título para perceber ao nosso redor toda uma grande atividade, toda uma grande massa, uma massa não informe, uma multidão, uma grande quantidade de pessoas, queríamos dizer, um povo de Cooperadores Salesianos.

E Nós sentimo-nos feliz de podermos agora acolher-vos em meta tão ambicionada, após 100 anos. Embora a existência da vossa instituição já seja longa e fecunda, Nós desejamos encorajar-vos a vos lançardes em frente, no caminho que a vontade de Deus ainda vos reserva para percorrêdes, segundo o impulso do vosso Santo Fundador. Ao mesmo tempo, exortamo-vos ao entusiasmo da vossa vida cristã e salesiana, assegurando-vos que a Igreja está convosco, porque vós estais com a Igreja (*aplausos*).

Desejaríamos agora voltar os olhos para todos os horizontes e ver onde estão os Salesianos na Igreja. Estais em todos os Continentes aonde a Igreja chegou, assumistes as dimensões da Igreja. E Nós sabemos, e vos damos certeza, do bem que a vossa Família Salesiana faz à Igreja e à humanidade. Estais, pois, inscritos numa grande instituição, e vossa definição — Cooperadores — ganha seu verdadeiro significado: sois solidários, sois amigos, sois da Família, tendes o que deveríamos desejar de tantas outras instituições eclesiásticas, isto é, a continuidade.

Sabemos que sois quase todos ex-alunos dos Salesianos, não é verdade? E a fidelidade à vossa raiz educativa, pedagógico-profissional etc., é uma das provas, é um dos sinais de que a Família Salesiana oferece deveras uma contribuição de exemplos e de obras incalculavelmente preciosa.

Em nome de Cristo que agora Nós humildemente, mas oficialmente, representamos, queremos dizer: "Obrigado, a toda a Família Salesiana"! (*aplausos*) A Família Salesiana e de modo especial aos numerosos delegados ao Congresso Mundial dos Cooperadores Salesianos, representantes nada menos de 560 "Centros" de 40 nações, e o grupo de Jovens Cooperadores reunidos para o seu primeiro Congresso (*aplausos*).

Descobrimos em vós forças vivas e generosas ao serviço da Igreja universal e das Igrejas locais, em espírito de autêntico testemunho

cristão e para a levedação espiritual, moral e também humana da sociedade. Sabei que contamos convosco e com a vossa cooeperação, de vós esperamos.

Podeis dizer: “O Papa não nos conhece... Que sabe ele de nós?”. Pelo contrário: reunidos na vossa contextura que faz de vós uma unidade em torno da mente, em torno da figura de Dom Bosco, Nós vos conhecemos a todos, e de todos pedimos a cooperação. Não é somente o Reitor-mor que pede: “Sede cooperadores da nossa Família Salesiana”. A ele me uno, e vos digo em nome de Cristo: “Estai conosco, cooperai, trabalhai assim”; porque estais verdadeiramente comprometidos numa idéia que vale a pena fazer própria e que dá certamente a segurança do prêmio divino.

E sabeis (isto dizemos, não podemos calar!), sabeis de certo grau de parentesco que podemos ter convosco. Tivemos um primo, a Nós caríssimo, que esteve por 17 anos em Macau, na vossa Missão da antiga China, e que depois foi para o Brasil, e improvisamente deixou esta vida, jovem ainda, tão cheio de vida e tão entusiasta de sua pertença à Família Salesiana. Não falo de outros laços pessoais que também Nos ligam à vossa Família...

Repito ainda a satisfação de estar entre vós e de ter em plenitude o título para convidar-vos a caminhar para a frente, a ser fiéis, a multiplicar a vossa atividade, a sentir-vos pagos pela alegria que deve estar em vosso coração por vos saberdes cooperadores da grande empresa civil, religiosa, missionária que é a Família de S. João Bosco.

Isto vo-lo dizemos com as palavras de São Paulo numa de suas cartas aos Colossenses: são estes os “que trabalham comigo no Reino de Deus e que têm sido a minha consolação”.

Obrigado, meus filhos!

E agora, para vos confortar nos vossos compromissos eclesiais e civis, e para invocar sobre a vossa missão a assistência fecundadora do Senhor, concedemos de coração a Nossa Bênção Apostólica a todos vós, aos beneméritos Responsáveis da vossa Associação, e em particular ao caríssimo Reitor-mor e a toda a querida Sociedade Salesiana.

10. NECROLÓGIO

P. José Aguillar

* em Támara de Campos (Palência-Espanha) 18-4-1898, † em Bilbao (Espanha) 13-4-1976 com 78 anos, 59 de profissão e 51 de sacerdócio. Foi diretor por 7 anos.

Muito afeiçoado à Congregação, passou os primeiros anos de vida salesiana nas Antilhas, onde foi ordenado sacerdote e trabalhou sem se poupar. Retornando à Espanha, trabalhou solertemente sobretudo em Bilbao, Burceña e Ciudad Real. Eram suas qualidades características o amor a Maria Auxiliadora (cuja devoção propagou por toda a Província de Ciudad Real); a observância exata, responsável e pontual aos seus deveres; a veneração para com Dom Bosco; a plena disponibilidade a seus superiores.

P. João Barbieri

* em Olgia (Novara-Itália) 16-10-1900, † em Belém (Palestina) 29-10-1976, com 76 anos, 50 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi diretor por 11 anos.

Com pouco mais de 20 anos entrou no aspirantado, primeiro em Penango, depois em Ivrea. Partiu para o Oriente Médio em 1925, onde permaneceu mais de 50 anos. Ocupou cargos de responsabilidade em momentos particularmente difíceis. Soube vencer as duras provas da vida com a oração, humilde obediência e grande amor a Deus e aos irmãos. Muitos, principalmente sacerdotes e religiosos, foram beneficiados pela sua direção espiritual austera, mas equilibrada e sábia. Deixa a lembrança de um religioso humilde e modesto na aparência, mas de virtude robusta e generosa, capaz dos maiores sacrifícios.

Coad. Eduardo Basso

* em Fornassio (Impéria-Itália) 9-2-1907, † em Alassio (Savona-Itália) 2-10-1976, com 69 anos, 41 de profissão.

Salesiano integérrimo, de caráter austero e tenaz (herdado de sua amada Ligúria), amou e serviu com incansável generosidade e exemplar fidelidade Dom Bosco e a Congregação Salesiana. Em várias casas salesianas fez render sua habilidade de mestre de alfaiataria; ultimamente na casa de Alassio — sempre exemplarmente observante e rico de espiritualidade — dedicou-se ao humilde serviço, mas muito apreciado, da igreja. Longa e dolorosa enfermidade consumou-lhe lentamente o físico, mas afinou-lhe o espírito.

P. Luís Beccuti

* em Serralunga di Crea, Alexandria (Itália) 15-3-1886 † em Monteortone, Pádua (Itália) 17-7-1976 com 90 anos, 61 de profissão e 67 de sacerdócio.

Missionário pioneiro em Magallanes (Terra do Fogo), professor de teologia, secretário do P. Ricaldone para as missões. Era homem ativo e dinâmico, de grande talento, memória fora do comum e inteligência penetrante: qualidades que plenamente utilizou quer na atividade pastoral quer como professor de teologia. Competente e seguro, ensinava — como diziam — “*tanquam auctoritatem habens*”. Pregou numerosíssimos retiros espirituais, e, durante toda a sua vida prestou-se para o ministério das confissões. E quando por causa da idade teve que reduzir o trabalho, intensificou esse serviço eminentemente sacerdotal e salesiano.

P. Joaquim Brunori

* em Mordano, Bolonha (Itália) 13-3-1890, † em Florença (Itália) 19-9-1976, com 86 anos, 67 de profissão e 53 de sacerdócio.

O P. Joaquim tinha um caráter difícil, mas somente em público; como se fosse para ele um dever mostrar-se assim. Privadamente foi homem amável e delicado. Em todas as ocasiões um interlocutor muito arguto. Manteve seu natural indômito até o fim da vida, conservando as características do antagonista nato para fazer frente a todos, prontidão genial que o tornava interessante, original e irrepetível. Nessas qualidades humanas, iluminadas por lucidíssima inteligência, enxertou as do religioso salesiano fiel, aberto, e as não menos resplandescentes do sacerdote apegado à Igreja e cômico da sua dignidade. A morte encontrou-o conciliador e sereno, depois de 53 longos anos de sacerdócio e 67 de vida salesiana.

P. Emmanuel Caamaño

* em Bustavalle (Maceda-Orense-Espanha) 2-4-1896, † em Salamanca (Espanha) 28-5-1976 com 80 anos, 62 de profissão e 52 de sacerdócio.

Animado de exemplar espírito de trabalho, passava horas e horas dando aula, e prolongava-a nos recreios para ajudar os alunos mais tardos de engenho; assumia trabalhos manuais na casa para poupar mão de obra; era enfermeiro; era confessor infatigável... E tudo com alegria e serenidade. Possuía uma conversação muito agradável, que condimentava com conselhos e exemplos agradáveis e inesquecíveis. Foi homem de fé inabalável de amor sem reservas à Congregação.

Coad. Calógero Centanni

* em Alia (Palermo-Itália) 7-6-1911, † em Palermo (Itália) 20-10-1976, com 65 anos e 35 de profissão.

Até aos 28 anos foi agricultor, ajudando o pai e a família. Depois realizou seu grande desejo de abraçar a vida religiosa entre os filhos de Dom Bosco, entre os quais já se achava o irmão menor Luís. Depois da profissão foi provedor e despenseiro em vários colégios demonstrando excelente capacidade, piedade exemplar e generosa laboriosidade. Atacado por incurável doença, apagou-se serenamente, assistido pelo irmão P. Luís.

Coad. Gumercindo Cid

* em Coirás (Orense-Espanha) 15-8-1893, † Shillong (Índia) 22-9-1976.

Com a morte de Gumercindo Cid encerra-se na Índia uma era. Era o último superstite do grupo heróico de salesianos, que, a 13 de janeiro de 1922, guiados por D. Mathias, acamparam nas colinas Khasi no Nordeste da Índia. Soube encontrar sua plena realização em qualquer trabalho que a obediência religiosa lhe confiasse. Ao entusiasmo juvenil que o caracterizava unia contagiante otimismo, atividade incansável e zelo incoercível. Amou os jovens com o amor de Dom Bosco. Foi excelente Coadjutor salesiano, sem complexos ou compensações no tocante à sua vocação. Viveu feliz: feliz por ser salesiano, feliz por ter sido chamado para as missões, feliz também por sofrer por amor de Deus em sua doença.

Coad. João Cipriano

* em Merì (Messina-Itália) 2-11-1914, † em Messina, 21-11-1976, com 62 anos.

Operário construtor na terra natal, deixou o trabalho para entrar na noviciado em Vila Moglia. Retornou à Sicília, e, depois de algum tempo renunciando os estudos para o sacerdócio, entrou como coadjutor. Demonstrou sempre generosidade, laboriosidade e capacidade nas diversas ocupações de nossas casas. Tendo sido aberta em 1959 em Messina uma filial da LDC, ele se tornou diligente organizador dessa livraria, levando-a a notável desenvolvimento em toda aquela região. Um ataque de embolia levou-o ao prêmio depois de alguns dias de sofrimento.

P. Luís Conde

* em Portela-Allariz (Orense-Espanha) 14-3-1881, † em Madri (Espanha) 12-8-1976 com 95 anos, 74 de profissão e 66 de sacerdócio.

Fidelidade na vida religiosa e generosidade no serviço pastoral foram as características de sua longa existência. Foi diretor de consciências muito apreciado. Exercia o cargo de vigário, de capelão militar, professor, ecônomo, dedicando-se a mil e uma iniciativas. Em particular industriou-se para o sustento econômico das vocações. De austeridade e simplicidade exemplares, aberto aos novos tempos, sabia ser flexível nas cousas mutáveis, para conservar o essencial. Acolhedor, afetuoso e compreensivo, soube sempre perdoar com generosidade.

P. Vicente Conti

* em Turim (Itália) 31-8-1912, † em Ivrea (Turim) 25-10-1976, com 64 anos, 48 de profissão e 39 de sacerdócio. Foi diretor por 4 anos.

Proveniente de família numerosa e muito achegada a Dom Bosco, das casas de Valdocco e Penango passou para o noviciado de Vila Moglia. Sujeito a esgotamento nervoso desde o tempo dos estudos de teologia, soube haurir da piedade profunda e da vocação salesiana, autenticamente vivida, a força para reagir contra a fragilidade da saúde. Conseguiu ocultar seu sofrimento interior conservando-se em contínuo contato com os jovens, com os pais, com ex-alunos. Possuiu vivamente o sentido da amizade e da cordialidade, distribuindo a todos com inteligência e cortesia palavras de bondade, de conselho e de animação.

P. Geraldo Crossley

* em Heywood (Lancashire-Grã Bretanha) 7-3-1916, † Bolton (Lancs) GB, 29-10-1976, com 60 anos, 42 de profissão e 33 de sacerdócio.

No aspirantado missionário de Shrigley hauriu desde a meninice profundo amor a Dom Bosco e à Congregação. Como salesiano foi educador eficiente e amado. Homem de talento e multiforme capacidade, era estimado também fora da casa pelo seu conhecimento prático da atual problemática da juventude. Foi diretor do Boletim Salesiano por alguns anos, e, até a morte, foi-lhe colaborador competente.

P. Donato Cucchi

* em Palestro (Pavia-Itália) 21-12-1889, † Vercelli (Itália) 24-7-1976, com 87 anos, 69 de profissão e 57 de sacerdócio. Foi diretor por 20 anos.

Por 20 anos teve no Piemonte notáveis responsabilidades de direção, e se distinguiu por firmeza unida à paternidade. Em 1962 a obediência o destinou à comunidade de Vercelli, onde até a morte foi apreciado confessor e diretor espiritual. Foi educador concreto e definido, profundamente humano, seguro em afrontar os acontecimentos. Homem e salesiano plenamente livre, jamais servil, foi sempre aberto à amizade (que considerava como autêntico meio de apostolado). Dirigiu com mão segura as casas que lhe foram confiadas, bem como as pessoas que o escolheram como diretor e pai espiritual.

P. Júlio Demolder

* em Rekem (Bélgica) 26-6-1897, † Mol (Bélgica) 28-1-1976, com 78 anos, 54 de profissão e 48 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Vida muito densa de generosidade e doação sacerdotal. Trabalhou por 22 anos na paróquia salesiana de Liège, onde era estimado e amado. Um tanto severo e intransigente, compensava esse aspecto de seu carácter com um comportamento jovial e dinâmico, e com a felicidade de viver entre os jovens. Nos últimos anos foi acometido por uma doença que soube suportar sem dar o menor sinal de seu sofrimento.

P. Miguel de Salvo

* em Bahía Blanca (Argentina) 11-1-1891, onde † 11-9-1976, com 85 anos, 68 de profissão e 58 de sacerdócio. Foi diretor por 42 anos.

Cresceu na escola dos primeiros missionários enviados por Dom Bosco. Suas singulares qualidades de homem de governo e de salesiano piedoso levaram os superiores a confiar-lhe a responsabilidade da direção em diversas casas por mais de 40 anos. Com seu estilo salesianamente gentil e a sua invulgar caridade, suavizou as agruras do duro campo de trabalho que era então a Patagônia. Nobreza e amabilidade, enxertadas no único ideal de sua vida — o Cristo —, são como que a síntese da vida desse grande sacerdote que se dedicou totalmente nas terras dos sonhos de Dom Bosco.

P. Emiliano Díaz

* em Carayaca (Venezuela) 13-8-1910, † em Caracas (Venezuela) 7-11-1976 com 66 a., 45 de profissão e 34 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Nasceu numa família profundamente religiosa, que deu vários filhos à Igreja. De temperamento aberto, expansivo, inteligente, enérgico, pôs suas belas qualidades a serviço da Congregação e da Igreja. Foi eficiente educador e sacerdote fiel, com disponibilidade e entrega totais a sua missão. Atingido por dolorosa enfermidade, suportou-a com humildade, paciência e jovialidade procurando ser útil até o fim.

Coadj. César Ghiringello

* em Torre Canavese (ex-Torre Bairo), (Turim-Itália) 24-4-1906, † em Montevideu (Uruguai) 2-8-1976 com 70 anos e 50 de profissão.

Durante meio século de vida salesiana soube doar-se todo a todos. Chegando ao Uruguai ainda jovem, em 1925, não mais voltou para rever o Piemonte, seu torrão natal. Depois do noviciado foi destinado à comunidade das escolas profissionais de Montevideu, aí permanecendo até o fim, entregue a ocupações as mais várias, também de graves responsabilidades. Pôs a serviço da comunidade sua férrea vontade de trabalhar e as muitas qualidades com que Deus o tinha enriquecido. Mais do que fazer o elenco das muitas atividades por ele exercidas, há a constatar a total generosidade e o “muito amor” que nelas colocou para o bem de seus irmãos e de muitas gerações de jovens artífices.

P. Antônio Góis

* em Itabaianinha (Sergipe-Brasil) 3-6-1917, † em Manaus (Amazonas-Brasil) 27-2-1976, com 58 anos, 49 de profissão e 30 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Durante os 30 anos de sua intrépida vida missionária, deu provas de abnegação, espírito de sacrifício e zelo incansável em favor dos pobres e necessitados. Passou o último decênio num posto missionário, por ele fundado às margens do rio Marauaiá (afluente do Rio Negro), onde como pioneiro se dedicou à procura, organização social e evangelização dos diversos grupos de índios Yanomami, espalhados pelas vastas regiões nos limites com a Venezuela. Regressando de sua viagem a Turim e Palestina, aonde tinha ido a convite dos Superiores por ocasião do Centenário das Missões, foi colhido pela morte antes que pudesse entrar novamente no seu campo de trabalho.

P. José Gotthardt

* em Tauberrettersheim (Unterfranken-Alemanha) 26-5-1884, † em Waidhofen (Ybbs-Austria) 1-11-1976, com 92 anos, 65 de profissão e 54 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Veu da Alemanha para o aspirantado salesiano de Penango, destinado a vocações adultas. Depois de sua ordenação sacerdotal em Viena, retornou à Alemanha, onde em várias casas de sua pátria expendeu suas energias até a morte, como confessor incansável e pregador, e como fiel amigo e conselheiro de muitíssimas pessoas que procuravam sua ajuda. Foram suas características a vida simples, o trabalho incansável e uma generosa dedicação pastoral.

P. Corrado Hagenmayer

* em Studtgard (Alemanha) 7-2-1914, † em Burghausen (Salzach-Alemanha) 25-10-1976 com 62 anos, 45 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi diretor por 16 anos.

Logo depois da ordenação sacerdotal, que pôde receber no início da segunda guerra mundial, foi chamado às armas e passou 9 longos anos entre o serviço militar e a prisão pelos russos. Tendo voltado à pátria trabalhou como conselheiro e depois como diretor por 16 anos em Bamberg e Würzburg. Por causa da saúde abalada, voltou a Bamberg como diretor espiritual. Os jovens, os ex-alunos e os cooperadores salesianos a que muito se dedicou, lembram-no como salesiano otimista, de uma piedade natural centralizada num relacionamento cheio de confiança em Deus, e como exemplo de vida.

Cl. Cristóvão Higgins

* em Fairfield (Manchester-Grã-Bretanha) 13-2-1954 † em Dunfermline (Escócia-Grã Bretanha) 6-8-1976, com 22 anos e 2 de profissão.

A vida desse jovem irmão, com dois anos de profissão religiosa, era muito promissora; mas o Senhor o chamou para si mediante um mal inexorável. Deixa-nos saudade e a esperança que seu sacrifício nos alcance do Senhor novas e autênticas vocações religiosas como a dele.

P. Venâncio Iglesias

* em Espeja (Salamanca-Espanha) 25-1-1924, † em Ramos Mejía (Argentina) 12-10-1976 aos 52 anos, 35 de profissão e 25 de sacerdócio.

Passou o primeiro decênio de sua vida sacerdotal nas missões da Tailândia, mas a saúde precária o obrigou a voltar à sua pátria. Pouco depois retomou a vida missionária na Patagônia; mas novamente a

saúde o obrigou a procurar um clima mais favorável. O apostolado paroquial, exercido com generosidade e eficácia, encheu seus anos de atividades. Foi encontrado sem vida no seu quarto, com os braços cruzados sobre o peito, como quem espera consciente e serenamente a irmã morte.

F. Eduardo Jarlinski

* em Stawki (Aleksandrów-Polónia) 11-9-1910, † em Czerwinsk (Polónia) 13-6-1976 com 65 anos, 43 de profissão e 30 de sacerdócio.

O Senhor o tinha enriquecido de grande bondade e laboriosidade genuinamente salesiana. Passou os primeiros anos de seu sacerdócio no aspirantado, trabalho difícil por estar no início; depois foi prefeito e diretor de pequena escola agrícola, afeiçoando-se àquela atividade e adquirindo suficiente competência. A pouco e pouco sua vista foi-se enfraquecendo até à completa cegueira. Intensificou o ministério das confissões, pondo-se à disposição dos paroquianos com zelo e caridade, e nos últimos anos também dos noviços em Czervinsk.

P. João Maria Le Bagousse

* em Grandchamp (Morbihan-França) 27-11-1907, † em Sion (Suíça) 10-9-1976 com 68 anos, 49 de profissão e 39 de sacerdócio. Foi diretor por 15 anos.

Depois de 6 anos de trabalho na casa de Sion, tinha sido designado pela obediência para outra casa. Depois de ter pregado a um grupo de salesianos, voltou para buscar as malas, e enquanto se despedia das Irmãs na cozinha, sentiu-se mal e de repente caiu no solo. Destarte o Senhor o chamava à casa do Pai. Nos últimos anos tinha-se dedicado com tato e dedicação admiráveis ao serviço das religiosas: conferências, retiros, confissões, e principalmente direção espiritual por meio de intensa correspondência. Parece justo que o Senhor o tenha chamado ao prêmio confortado pelas irmãs que foram objeto de seu generoso ministério.

Coad. Trinitá de León

* em Tamanique (El Salvador) 13-11-1895, † em S. Salvador (El Salvador) 17-10-1976 com 80 anos e 57 de profissão.

Vida totalmente consagrada a Deus na fidelidade aos compromissos religiosos, numa piedade profunda, no trabalho sacrificado e na caridade para com todos. Mediante seu comportamento modesto e seu humilde trabalho de factotum e assistente do oratório, soube

cativar grande estima da parte de pessoas de toda a classe social, que nele tinham descoberto o verdadeiro homem de Deus. Seus últimos anos foram enriquecidos pelo sofrimento, que aceitou com plena vontade à vontade de Deus.

P. Sigismundo Maciak

* em Sterdyn (Polónia) 2-5-1918, † em Czerwinsk (Polónia) 3-9-1976 com 58 anos, 38 de profissão e 27 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Ainda jovem clérigo em Varsóvia, encontrou não poucas dificuldades para a sua vida religiosa durante a ocupação alemã; transferido para Cracóvia, teve ocasião de completar os estudos e ordenar-se sacerdote. Foi catequista, professor no seminário diocesano e por 16 anos pároco em Frombor. Pregador culto e eloquente, bem visto pelos Irmãos, foi escolhido para diretor do noviciado anexo ao santuário mariano de Czerwinsk. Ali, depois de alguns anos, o Senhor o chamou improvisamente para o prêmio.

P. Giovanni Magistrelli

* em S. Giovanni Batt., Concordia sulla Secchia (Modena-Itália) 16-4-1894 † em Módena (Itália) 26-2-1976 com 81 anos, 45 de profissão e 42 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos.

Depois de receber as ordens menores no seminário, fortemente atraído por Dom Bosco, quis ser salesiano. E foi salesiano “para toda a obra”: confessor dos meninos e delegado dos ex-alunos, Cavalheiro de Vittorio Vêneto e fundador de um grupo de ex-combatentes, e depois animador dos cooperadores em Módena, aos quais dedicou suas últimas energias. Preocupado em criar ambiente favorável ao espírito, fomentou encontros de oração — semanais, mensais, anuais — e organizou romarias que sob sua orientação se tornaram muito eficazes para afervorar as almas. Sincumbiu ao peso do trabalho, que tinha programado até duas semanas antes da morte.

P. João Battista Mondati

* em Mendoza (Argentina) 24-10-1897, † em Córdoba (Argentina) 3-10-1976 com 79 anos, 58 de profissão e 50 de sacerdócio.

Não obstante a precária saúde, foi religioso exemplar na sua dedicação ao trabalho. Disso deu prova ainda no ano passado, tomando sobre si, aos 78 anos, a responsabilidade da direção da Escola Primária de Los Cóndores; sem deixar de atender aos muitos que a ele acor-

riam para recuperar a saúde, entendido que era em medicina natural. Nessas ocasiões, juntamente com os remédios, sabia dar também conselhos de vida cristã. Piedade vivida com simplicidade, e fiel prática da pobreza e da observância religiosa completam sua fisionomia moral.

P. Benedito Nunes

* em Vilar (Cadaval-Portugal) 18-10-1915, † em Lisboa (Portugal) 9-4-1976 com 60 anos, 43 de profissão e 34 de sacerdócio. Foi por 11 anos diretor e por 6 inspetor.

Distinguiu-se pela capacidade de serviço, unida a qualidades intelectuais e artísticas não comuns, e à inata qualidade de líder. Durante o seu mandato como inspetor levou a Família Salesiana à fidelidade ao espírito de Dom Bosco. Deixando o encargo de inspetor, partiu para Cabo verde, onde se dedicou com toda a simplicidade aos jovens. Nos últimos meses foi atingido por dolorosa enfermidade, que suportou com resignação e esperança cristã.

P. José Omodei

* em Tornaco (Novara-Itália) 6-6-1904, † em Intra de Verbania (Novara-Itália) 2-10-1976, com 72 anos, 55 de profissão e 46 de sacerdócio.

“Cinquenta e dois anos de vida entre os jovens: seu único centro de interesse. Professor dotado de incomum capacidade didática e pedagógica, soube onde quer que estivesse despertar ao ser redor muita simpatia, confiança e correspondência. Chegando ao fim da jornada, soube ser ainda, como salesiano, amigo dos jovens: com a cordialidade nos modos e na conversação, empenhado numa missão educativa a que jamais faltou o sentido do dever e da clareza” (Da homilia das exéquias).

P. Aldo Paoloni

* em Tarcento (Udine-Itália) 10-12-1913, † em Beirut (Líbano) 19-8-1976, com 62 anos, 43 de profissão e 33 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Era ecônomo da obra salesiana de Beirut, forte e riço como a gente friulana. Soubera fazer-se querer, criando em poucos anos incontáveis amigos. Nas duras circunstâncias da guerra e dos bombardeios, os Salesianos quiseram continuar a obra de educação dos meninos no Oratório, respeitados pelas tropas mas não pelas bombas disparadas a esmo pelos canhões. Uma delas trancou a vida deste Irmão corajoso, que quisera permanecer ao lado do Diretor doente. Trazia no bolso a passagem aérea para visitar seus caros, atingidos pelo terremoto no Friuli.

P. Luís Pazó

* em Vigo (Pontevedra-Espanha) 12-10-1898, † em Santiago de Compostela (Espanha) 26-8-1976, com 77 anos, 60 de profissão e 51 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Sua figura lembra os primeiros salesianos: obediente, observante, fiel ao dever, sacrificado, empenhado na assistência salesiana, cuidadoso na preparação dos sermões, disponível sempre para qualquer serviço. Passava longas horas no confessional, ou em oração diante do tabernáculo. Suas maneiras gentis, a atenção solícita às necessidades e aos mínimos desejos dos Irmãos, alunos e ex-alunos, conquistaram-lhe muitas amizades. Mesmo no hospital, onde encerrou sua jornada terrena, conquistou a todos com sua caridade e otimismo.

P. Lucas Rath

* em Bamberg (Alemanha) 17-11-1906, onde morreu a 27-8-1976 com 69 anos, 50 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi diretor por 20 anos.

Convocado para o exército após alguns anos de vida salesiana e sacerdotal, foi soldado na segunda guerra mundial, e a partir de 1945 prisioneiro de guerra por bem dois anos e meio. Regressando à pátria e recuperando as forças, foi por 20 anos excelente diretor em várias obras salesianas. Mostrava-se sempre alegre, social, e entusiasta pelas coisas salesianas. Nos últimos anos em Bamberg dedicou-se intensamente ao apostolado. Teve de submeter-se a duas intervenções cirúrgicas: complicações subseqüentes levaram-no à tumba.

Coad. Dario Rincón

* em Choachi (Cundinamarca-Colômbia) 3-6-1912, † em Ibagué (Colômbia) 6-10-1976, com 64 anos e 39 de profissão.

Religioso no velho estilo, verdadeiro filho de Dom Bosco, dedicado à missão sem incongruências, exquisites e evasivas, e totalmente realizado na sua vida apostólica. Sempre disposto a prestar serviço aos demais, em qualquer necessidade, com naturalidade e simplicidade. Fizera da obediência a norma da sua vida. Amava a natureza, via-a com olhos de entendido, e aumentava seus conhecimentos com contínuas pesquisas. Foi proverbial sua vida de profunda piedade, seu sentido da comunidade, sua dedicação ao trabalho e constante preocupação ao capítulo inspetorial como delegado da Comunidade de Ibagué.

P. Carlos Rohr

* em Pirmasens (Baviera-Alemanha) 16-12-1886, † em Mannheim (Alemanha) 10-9-1976 com 89 anos, 70 de profissão e 61 de sacerdócio. Foi diretor por 15 anos.

Filho de família numerosa, conheceu os salesianos numa notícia de jornal. Foi então a Gand, Bélgica, para ingressar na Congregação; isto em 1905, quando os salesianos não haviam ainda entrado na Alemanha. Na Bélgica completou o currículo formativo. Em 1916 encontra-se entre os fundadores da primeira casa salesiana na Alemanha, em Würzburg, e poucos anos depois do Salesianum de Munique. Nos cargos de diretor e ecônomo demonstrou sempre grande sentido de responsabilidade. Procurava estar sempre empenhado em alguma atividade. De trato gentil e social, nos últimos anos ajudava como e quando podia no ministério pastoral.

Coad. Luciano Sannino

* em S. Cipriano Picentino (Itália) 13-12-1923, † em Bári (Itália) 24-4-1976 com 52 anos, 25 de profissão.

No fim do noviciado havia prometido: "Caminharei na regra como o maquinista nos trilhos. De Maria Santíssima aprenderei a velocidade justa para chegar a Jesus. Serei fiel a Dom Bosco. A morte, não o pecado". Quantos o conheceram podem com toda a verdade afirmar que manteve fidelidade aos propósitos tomados. Trabalhou na oficina de mecânica, onde era mestre competente e apreciado. Sua alegria era estar no meio dos jovens, satisfeito com sua pobre cela.

P. Tullio Sartor

* em S. Giorgio della Richinvelda (Udine-Itália) 29-8-1920, † em Treviso (Itália) 10-10-1976 com 56 anos, 37 de profissão e 29 de sacerdócio. Foi diretor por 10 anos e por 9 inspetor.

"Não foram muitos os anos de sua vida, que nos pareceu truncada. Muito, porém, o trabalho, muita a assiduidade, a solicitude fraterna para com todos, a fidelidade na oração, a coerência do seu sacerdócio. Muitos também os talentos confiados à sua administração, e que não deixou inertes. Superior e irmão, não se orgulhou nunca de seu cargo; jamais, entretanto, diminuiu o significado profundo da autoridade subtraindo-se à responsabilidade e ao peso a ela inerente. Duas fontes puríssimas deram-lhe inestimáveis riquezas de corajosa retidão: o amor a Dom Bosco, de quem partilhou — vivendo-os — os princípios e luminosas diretrizes; o amor à Igreja e ao Papa, que verdadeiro filho de Dom Bosco, tinha como mestres da verdade e intérpretes de Deus". (Da lembrança no trigésimo dia).

P. Tiago Schauer

* em Bamberg (Oberfranken-Alemanha) 28-6-1902; † em Munique (Alemanha) 13-11-1976 com 74 anos, 51 de profissão e 42 de sacerdócio. Foi diretor por 7 anos.

Nasceu numa família numerosa, profundamente católica. Após trabalhar alguns anos no comércio, entrou como aspirante na casa missionária de Unterwaltersdorf perto de Viena. Salesiano, trabalhou por 18 anos na administração primeiramente da casa de Munique e depois da Inspetoria. Dedicou-se a esse mister com grande serenidade e responsabilidade; foi trabalhador incansável e de bom humor, sacerdote de convicções profundas e verdadeiro filho de Dom Bosco. Longa doença preparou-o para o encontro com o Senhor.

P. Antonio Scornavacca

*m e Agia, Enna (Itália) 2-11-1887; † em S. Gregório (Catania-Itália) 26-10-1976 com 88 anos, 68 de profissão e 57 de sacerdócio. Foi diretor por 30 anos.

Entusiasmado com a vocação religiosa, supera vitoriosamente, com suas ótimas capacidades morais e intelectuais várias etapas de estudo e de formação religiosa salesiana. Mas, ordenado sub-diácono, foi chamado às armas e participou da guerra de 1915-1918. Como soldado do corpo sanitário soube granjear a estima e o afeto dos soldados, e a aprovação incondicional dos superiores militares. Ordenado sacerdote, ocupou — exemplar em tudo — vários cargos de responsabilidade: ecônomo por 14 anos, diretor por 30, e nos últimos 16 anos confessor dos clérigos de San Gregorio. Sempre sereno, jovial e de exemplar observância religiosa.

P. Ancilon Gomes Siebra

* em Caririagu (Ceará-Brasil) 23-5-1941; † em Carpina (Brasil) 21-3-1976, com 34 anos, 13 de profissão e 4 de sacerdócio.

Jovem sacerdote, irradiava vida e alegria. Serenidade imperturbável, riso franco e amigo, religiosidade natural, retidão de vida sem vacilações. Filho autêntico do Nordeste brasileiro, enchia as casas de formação de Carpina, São João del Rey e São Paulo (Lapa), com sua juventude brilhante e entusiasta. Fisicamente dotado, sobressaía em qualquer tipo de esporte, até que com 27 anos, durante a teologia, um acidente de trabalho reduziu-o quase à imobilidade por dois anos. Viu-se então que sua serenidade não era superficial. Após três anos inescutíveis de sacerdócio vivido em plenitude em Carpina entre os jovens que fascinava com a naturalidade de líder e com a atração de sua personalidade, morreu vítima de um desastre de automóvel. Voltava de um encontro com um grupo juvenil.

P. Aldo Speciga

* em Mântua (Itália) 10-6-1904, † em Bolonha (Itália) 1-11-1976, com 72 anos, 44 de profissão e 36 de sacerdócio.

Amadureceu-lhe a vocação no ambiente familiar rico de virtudes humanas e cristãs, e nos círculos católicos da paróquia. Aos vinte anos de idade, após trabalhar numa fábrica como mecânico, tornou-se salesiano. Exerceu o ministério sacerdotal em várias casas da Inspetoria, e de 1943 a 1945 foi estimado capelão militar em Mântua. Nesses tristes anos atendeu aos presos no campo de concentração de Gradara. Fruto desse trabalho foi o amadurecimento — naquele ambiente — de uma vocação à vida salesiana. A doença provou-o duramente e preparou-o ao encontro definitivo com o Pai.

P. Agostinho Stassig

* em Possnitz, Silésia Superior (Polónia) 26-9-1900, † em Neuburg, Donau (Alemanha) 27-8-1976 com 75 anos, 46 de profissão e 38 de sacerdócio.

Nasceu numa família numerosa (teve 12 irmãos) e profundamente cristã. Após a ordenação sacerdotal foi para a Espanha, onde por 16 anos trabalhou no magistério, no apostolado paroquial, e como animador espiritual dos alunos. Voltando à Alemanha, foi-lhe confiada a cura de alunos, e foi confessor em várias obras salesianas. Provou-lhe o Senhor a fé adamantina com uma doença incômoda: teve que passar quase 3 anos acamado num hospital, antes que se lhe abrissem as portas do paraíso.

F. Nicola Staszków

* em Lwów (Polónia) 19-6-1931, † em Glogów (Polónia) 16-10-1976 com 45 anos, 26 de profissão e 18 de sacerdócio.

Passou a vida salesiana no trabalho paroquial: nos primeiros anos como vigário e depois como pároco. Não obstante as dificuldades dos tempos pôde realizar várias reconstruções de igrejas, em Lubrza e em Sarbinovo, merecendo a compreensível gratidão dos paroquianos.

Coad. Luís Tammaro

* em Scafati (Salerno-Itália) 3-2-1905 † em Montevideu (Uruguai) 29-8-1976 com 71 anos, e 9 de profissão

Um chamado à undécima hora: aos 62 anos, após haver assistido sua mãe com afeto filial até à morte, foi aceito nas fileiras salesianas. Contador e com notáveis dotes de pintor, trabalhara antes em firmas

comerciais e no setor de aluguéis: nas casas salesianas onde o colocou a obediência pôde aplicar sua longa e preciosa experiência, com autêntico espírito de serviço. Esteve encarregado da administração — enquanto a saúde lho permitiu — dando escrupuloso exemplo de pobreza.

P. Higinio Tau

* em Plano Romano (Roma-Itália) 30-1-1912, † em Genzano de Roma (Itália) 8-8-1976 com 64 anos, 47 de profissão e 38 de sacerdócio.

Sacerdote segundo o coração de Cristo, educador e apóstolo autenticamente salesiano, empregou os dotes de seu ânimo manso e sereno, e sua inteligência aberta aos valores da cultura, no ministério sacerdotal, na escola (que foi para ele cátedra de vida), e no cuidado dos ex-alunos. Foi para eles, com uma presença diurna e amorosa, amigo, confidente, e conselheiro estimado.

P. Marcos Belisario Terán

* em Tucumán (Argentina) 25-4-1915, onde morreu 28-10-1976, com 61 anos, 35 de profissão e 29 de sacerdócio.

Nascido numa família da nobreza de Tucumán, ouviu o chamado de Deus quando estudava engenharia, e deixando as comodidades do seu mundo, vestiu a humilde batina dos filhos de Dom Bosco. De trato fino e amável, conquistava facilmente o afeto de todos com sua cordial jovialidade. Serviu-se desse dom para conduzir muitas almas ao bom caminho. Amou o esplendor do culto, e foi excelente animador da liturgia com sua palavra fácil e popular, aquecida por profundo amor à Eucaristia, a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco.

P. Guilherme Thiele

* em Niederntudorf (Westfália-Alemanha) 14-1-1892, † em Bahía Blanca (Argentina) 13-11-1976, com 84 anos, 55 de profissão e 49 de sacerdócio.

Apenas ordenado sacerdote, foi para a Patagônia, e não voltou mais à pátria. Por mais de 34 anos trabalhou em Villa Iris, onde exerceu o cargo de pároco. Quando a saúde não lhe permitiu mais continuasse sozinho nesse trabalho, foi transferido para General Roca, onde continuou a trabalhar até que uma paralisia progressiva o reduziu a absoluta imobilidade. Mas continuou a celebrar a Santa Missa em seu

quarto até o último dia de vida. Seus restos mortais foram levados à sua antiga paróquia de Villa Iris, onde os seus paroquianos lhe proporcionaram comovida recepção.

Coad. João Vich

* em Mercedes (Soriano-Uruguaí) 2-6-1895, † em Montevideu (Uruguai) 5-9-1976 com 81 anos, 49 de profissão.

Provindo de uma família de agricultores, orientou sua atividade para este setor, e uma vez escolhida a vida salesiana, dedicou todas as energias à formação dos adolescentes nas escolas agrícolas salesianas do Uruguai e do Paraguai. Seus conhecimentos no campo da fitopatologia eram excepcionais: ainda em idade avançada demonstrava prodigiosa memória para os nomes gregos e latinos das plantas e dos insetos benéficos ou daninhos. De fibra robusta, com uma linguagem popular, faceta e colorida, embora com um temperamento um tantinho difícil, soubera tornar-se amigo dos clérigos e jovens agricultores.

P. Luís Villarino

* em Buenos Aires (Argentina) 20-2-1900, † em Ramos Mejía (Argentina) 11-11-1976, com 76 anos, 58 de profissão e 50 de sacerdócio.

Foi professor e conselheiro escolar muito apreciado. Com sua bela voz ensinava o canto aos meninos, com seu caráter jovial e sempre de bom humor atraía a simpatia de pequenos e grandes. Foi delegado dos ex-alunos em várias casas. Atendia em Mar del Plata à assistência espiritual da “Casa de repouso” para famílias de ex-alunos, e estes estimavam-no como pai e diretor espiritual sempre ativo e disponível, animado de profundo amor a Dom Bosco.

P. Aquiles Visentin

* em Zovon di Vo (Pádua-Itália) 11-4-1910, † em Este (Pádua-Itália) 8-10-1976 com 66 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio e 44 de vida missionária na Índia.

Aos 18 anos ingressou como aspirante na vida salesiana para as missões: “Ide e pregai...”. Foi e consumiu sua vida pregando, mais que do púlpito, a bondade, o diálogo, a exemplaridade da vida religiosa e sacerdotal, e sobretudo a pobreza, a simplicidade, a serenidade, o candor da sua alma. Não conseguiu prestigiosos títulos de estudo, mas foi “homem de Deus”. Esse título permitiu-lhe fazer

bem a muitos, primeiramente em terra de missão, e depois na terra natal, aonde regressara já cansado. E onde continuou a ser missionário da palavra e ministro da graça.

P. Pedro Yamorini

* em Aiguá (Maldonado-Uruguai) 15-3-1912, † em Salto (Uruguai) 22-6-1976, com 64 anos, 42 de profissão e 34 de sacerdócio.

Rico de dotes humanos não comuns, bom professor, dedicou toda a sua ação salesiana aos meninos e aos jovens. Era professor nato: tinha um gosto especial pela literatura, preocupava-se com a oratória sacra nas nossas igrejas. Manifestou solícita laboriosidade em todas as mansões que lhe foram confiadas pela obediência, exercendo-as com sentido de alegre e fraterna convivência até à morte, que chegou de improviso mas não inesperada. Era gentil, delicado, servicial e piedoso; estava sempre disponível. Foi sempre acolhedor.

P. Florindo Zandonella

* em Candide, Comelico Superiore (Belluno-Itália) 30-5-1909, † em Bahía Blanca (Argentina) 16-9-1976, com 67 anos, 47 de profissão e 36 de sacerdócio.

Muito jovem partiu para a Patagônia levando no coração o ideal missionário, e fez frutificar sua vocação sacerdotal em obras que testemunham seu amor a Deus e aos irmãos. Robusto como um carvalho, parecia feito para suportar sem trégua os mais duros trabalhos. E trabalhou sem poupar-se: o território de Chos Malal foi testemunha muda de quanto pode fazer um homem apoiado por uma fé intrépida. De jipe, a cavalo, a pé, mesmo nas circunstâncias mais adversas, continuou seu caminho de evangelizador. Um terrível mal veio entretanto truncar-lhe a resistente fibra, e levou-o prematuramente ao repouso dos justos.

3.º Elenco de 1976

- 123 P. AGUILAR José † em Bilbao (Espanha) 1976 aos 78 a.
- 124 P. BARBIERI João † em Belém (Palestina) 1976 aos 76 a.
- 125 Coad. BASSO Eduardo † em Alassio (Savona-Itália) 1976 69 a.
- 126 P. BECCUTI Luís † em Monteortone (Pádua-Itália) 1976 aos 90 a.
- 127 P. BRUNORI Joaquim † em Florença (Itália) 1976 aos 86 a.
- 128 P. CAAMAÑO Emanuel † em Salamanca (Espanha) 1976 aos 80 a.
- 129 Coad. CENTANNI Calógero † em Palermo (Itália) 1976 aos 65 a.
- 130 Coad. CID Gumerindo † em Shillong (Índia) 1976 aos 83 a.
- 131 Coad. CIPRIANO João † em Messina (Itália) 1976 aos 62 a.
- 132 P. CONDE Luís † em Madri (Espanha) 1976 aos 95 a.
- 133 P. CONTI Vicente † em Ivrea (Turim-Itália) 1976 aos 64 a.
- 134 P. CROSSLEY Geraldo † em Bolton (Lancs GB) 1976 aos 60 a.
- 135 P. CUCCHI Donato † em Vercelli (Itália) 1976 aos 87 a.
- 136 P. DEMOLDER Júlio † em Mol (Bélgica) 1976 aos 78 a.
- 137 P. DE SALVO Miguel † em Bahía Blanca (Argentina) 1976 aos 85 a.
- 138 P. DIAZ Emiliano † em Caracas (Venezuela) 1976 aos 66 a.
- 139 Coad. CHIRINGHELLO César † em Montevideu (Uruguai) 1976 aos 70 a.
- 140 P. GÓIS Antônio † em Manaus (Brasil) 1976 aos 58 a.
- 141 P. GOTTHARDT José † em Waidhofen (Ybbs-Austria) 1976 aos 92 a.
- 142 P. HAGENMAYER Conrado † em Burghausen (Salzach-Alemanha) 1976 aos 62 a.
- 143 Cl. HIGGINS Cristóvão † em Dunfermline (Escócia) 1976 aos 22 a.
- 144 P. IGLESIAS Venâncio † em Ramos Mejías (Argentina) 1976 aos 52 a.
- 145 P. JARLINSKI Eduardo † em Czerwinsk (Polónia) 1976 aos 65 a.
- 146 P. LE BAGOUSSE João Maria † em Sion (Suíça) 1976 aos 68 a.
- 147 Coad. LEÓN de Trinità † em S. Salvador (El Salvador) 1976 aos 80 a.

- 148 P. MACIAK Sigismundo † em Czerwinsk (Polônia) 1976 aos 58 a.
- 149 P. MAGISTRELLI João † em Módena (Itália) 1976 aos 81 a.
- 150 P. MONDATI João Batista † em Córdoba (Argentina) 1976 aos 79 a.
- 151 P. NUNES Benedito † em Lisboa (Portugal) 1976 aos 60 a.
- 152 P. OMODEI José † em Intra di Verbania (Novara-Itália) 1976 aos 72 a.
- 153 P. PAOLONI Aldo † em Beirut (Líbano) 1976 aos 62 a.
- 154 P. PAZO' Luís † em Santiago de Compostela (Espanha) 1976 aos 77 a.
- 155 P. RATH Lucas † em Bamberg (Alemanha) 1976 aos 69 a.
- 156 Coad. RINCON Dario † em Ibagué (Colômbia) 1976 aos 64 a.
- 157 P. ROHR Carlos † em Mannheim (Alemanha) 1976 aos 89 a.
- 158 Coad. SANNINO Luciano † em Bári (Itália) 1976 aos 52 a.
- 159 P. SARTOR Túlio † em Treviso (Itália) 1976 aos 56 a.
- 160 P. SCHAUER Tiago † em Munique (Alemanha) 1976 aos 74 a.
- 161 P. SCORNAVACCA Antônio † em S. Gregório (Catânia-Itália) 1976 aos 88 a.
- 162 P. SIEBRA Gomes Ancilon † em Carpina (Brasil) 1976 aos 34 a.
- 163 P. SPECIGA Aldo † em Bolonha (Itália) 1976 aos 72 a.
- 164 P. STASSIG Agostinho † em Neuburg (Donau-Alemanha) 1976 aos 75 a.
- 165 P. STASZKOW Nicola † em Glagow (Polônia) 1976 aos 45 a.
- 166 Coad. TAMMARO Luís † Montevideu (Uruguai) 1976 aos 71 a.
- 167 P. TAU Higinio † em Genzano (Roma-Itália) 1976 aos 64 a.
- 168 P. TERAN Marcos Belisário † em Tucumán (Argentina) 1976 aos 61 a.
- 169 P. THIELE Guilherme † em Bahía Blanca (Argentina) 1976 aos 84 a.
- 170 Coad. VICH João † em Montevideu (Uruguai) 1976 aos 81 a.
- 171 P. VILLARINO Luís † em Ramos Mejía (Argentina) 1976 aos 76 a.
- 172 P. VISENTIN Aquiles † em Este (Pádua-Itália) 1976 aos 66 a.
- 173 P. YARMORINI Pedro † em Salto (Uruguai) 1976 aos 64 a.
- 174 P. ZANDONELLA Florindo † em Bahía Blanca (Argentina) 1976 aos 67 a.